

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

PEDEM-NOS a publicação do seguinte que deve merecer a atenção da Companhia Carris:

«Sr. director: — Muito grato ficarei a V. se o jornal de que é director se tornar eco de uma reclamação, aliás justíssima, dos moradores na area do Alto de S. João, que actualmente está em fase de grande crescimento.

Trata-se do seguinte:

Estabeleceu a Companhia Carris de Ferro de Lisboa que durante a semana, e especialmente a horas de entrada para oficinas, estabelecimentos, escritórios, etc., só haja carros do Alto de S. João para a Praça do Comercio, quando é absolutamente necessario haver carros para Belem, ou pelo menos, para Santo Amaro, pois muitas pessoas aproveitariam desse beneficio, e a Companhia nada devia prejudicar. A prova de que lhe não dá prejuizo é a existencia dessas carreiras ao domingo, exactamente quando é menos utilizada.

Porque não estabelece a Companhia estas carreiras durante a semana?

Estou plenamente certo de que a Companhia não deixará de atender uma reclamação tão justa como esta é.

Aqui fica o pedido de um assiduo leitor do vosso conceituado jornal, na esperança justificada de ser atendido. — De V., etc., Fernando dos Santos Pontena».

* * *

EM França foi constituído, por decreto, um Comité Nacional de protecção á Natureza nos territorios da França de além mar.

Este organismo substitui, e funde, dois comités permanentes para defesa da fauna, flora e caça.

Tal como ingleses e belgas, os franceses ligam extraordinaria importancia ao aspecto naturalista colonial, e fazem todo o possivel para aperfeiçoar parques, jardins e galerias zoologicas. Por outro lado capricham em evitar o desaparecimento das especies raras, e as feras merecem-lhes especiais cuidados.

Os gorilas tendem a extinguir-se. No Jardim de Londres havia um casal, objecto de atenções singulares, diariamente visitados e tratados como hospedes de qualidade.

O macho morreu ha dias, e logo se preveniram as entidades especializadas para adquirir outro.

Enfim: os países coloniais quer se trate de uma fera, de uma ave, de um insecto, de um arbusto, de um peixe, de um reptil ou de uma flor — acautelam o que eles chamam o «património natural», e decretam, mesmo, severas medidas contra os infractores das leis de protecção.

* * *

OS corpos dirigentes do Grupo «Amigos de Lisboa», acompanhados de todos os socios que queiram comparecer, são recebidos no proximo domingo, pelas 16 horas, na Camara Municipal, pelo presidente, engenheiro sr. Duarte Pacheco.

Será nessa ocasião entregue a representação elaborada pela Secção de Urbanização daquele grupo, na qual se sugere um plano de melhoramentos de Lisboa.

Sombras

Madrid é uma cidade que, depois de descontado o eclipse actual, fica sempre incluída no numero dos embruxantes sortilegios, das perturbações dos sentidos, das imagens que o sangue espanhol acaricia, com D. Juan acariciava a visão dos seus pecados.

Em Paris, por exemplo, nós sentimos que o mundo pertence ao espirito e a uma certa temperatura suave que nos permite ser justo sem ser cruel.

Em Berlim, onde a porta de Brandeburgo marca o equilibrio entre o oriente o ocidente, como fruto maravilhoso da arquitectura do século XVIII, as idéas e os sentimentos combinam-se, segundo uma proporção em que a força e o direito podem ajustar-se, a-fim-de que a civilização seja uma acida mistura de contrarios.

Em Londres, John Bull, explorador universal e inventor da libra — medida de cubiças que domestica as soberbas humanas e exalta a gloria das acções meritorias — lança navios ao mar, ao mesmo tempo que lê a Biblia, recomendando ás terras do Imperio que defendam a paz e respeitem a Corôa.

Cada uma destas três capitais preside á sua respectiva constelação: a da ironia cintilante, a da força sentenciosa e uniformizada, a da energia evangelica e utilitaria, abençoada pelo venerando arcebispo de Canterbury.

Por seu lado, Madrid não aspira a simbolos tão significativos, pois se contenta com a afirmação de que o coração é um receptaculo de canções, de ventarolas, de refrescos, de paixões e de labaredas fanaticas. Tem alma e caracter, mas como flama telurica. Ocupa um planalto onde os ventos, no inverno, sugerem projectos de contrição e os calores do estio fermentos de perdição.

Joga-se entre dois polos — D. Juan e D. Quixote.

A virtude e o vicio aparecem-lhe não como conquistas ou derrotas da vontade, mas antes como experiencias do temperamento.

* * *

Numa saudosa tarde de junho — os cartazes das touradas alucinavam as frementes ilusões dos descendentes de Pizarro e Almagro — tivemos ocasião de visitar, no ministerio do Fomento, o mui illustre D. Juan de La Cierva que nos recebeu, na meia sombra do seu modesto e opaco gabinete, com tranquila certeza de alguém que conduzia a Espanha para um futuro calmo e adormecido.

Gordo, cheio, pescoço curto, atarracado, olhos meditativos e semi-cerrados, não dava a impressão imediata da energia que lhe temperava o animo. A-pesar do dominio que exercia sobre os seus nervos, de vez em quando sobressaltava-se, perguntando de chofre:

— E os senhores lá em Portugal, como encaram a Espanha?

Dissemos-lhe ser necessario e urgente um maior e melhor entendimento entre os dois povos independentes e vizinhos, visto que a ignorancia mutua os distanciava cada vez mais do papel que a Iberia tinha de desempenhar. Calou-se, deixando cair o queixo redondo e farto sobre o peitilho e, depois de breve meditação, disse-nos:

— O mal está feito e agora custa muito a remediar. São quasi três séculos de incompreensão. Os portugueses orientaram-se pelos «Lusiadas» e nós pelo livro de Cervantes. E' espantoso como, quasi lado a lado, se formaram destios tão divergentes. Pela minha parte, a-pesar-de mais filho do Mediterraneo que do Atlantico, eu não arredo o meu pensamento de Portugal que reputo um elemento necessario, na descoberta de futuros caminhos para a America...

Não pudemos impedir-nos de atalhar:

— Julga, então, que só nos restam os caminhos da America?

— Refiro-me simplesmente ao aspecto politico das relações hispano-portuguesas. Na Europa, os senhores estão ligados á Inglaterra, ao passo que nós ainda não escolhemos as nossas amizades. No dominio das expansões amigas e fraternas, entendo e sustento que Madrid e Lisboa devem considerar-se unidos por laços intimos, consanguineos. A aproximação espirital merece-me aplauso e incitamento. Possa ela ser o primeiro passo para um mais amplo sistema de comunicações...

D. Juan de La Cierva alongou-se sobre o desenvolvimento dos

(Ver continuação na pagina central)

QUEM não conhece as aventuras de João de Calais e da graciosa portuguesinha Constança, salva pelo corsario das mãos de outros piratas?

E' um dos mais lidos e relidos folhetos de cordel, emulo da princesa Magalona e do marujo Vicente. Pois João e Constança, em corpo sem alma, foram agora vendidos em leilão...

Ora sucedia que numa região do norte da França, das que realizam cortejos carnavalescos de grande e ingenuo estrondo, se fazia passear pelas ruas as figuras do João de Calais e da Constança de Portugal, em grandes dimensões, e era este um numero de exílio nos cortejos, cuja tradição de séculos se reatara ha alguns anos, com grandiosidade.

A popularidade dos dois enormes bonecos conduzidos num sumptuoso carro, foi enorme. As receitas da comissão de festas de Lille cresceram, a tal ponto que o fisco interveio e lançou um tributo ás festas — e ás figuras do romancinho de cordel.

A comissão protestou, talvez com razão, e não quis pagar.

E então, acabaram os cortejos e João de Calais e Constança de Portugal, sua noiva, foram vendidos em leilão, para pagar as taxas vencidas e 2.400 francos de multa.

No fundo, isto tem também a sua ingenuidade. A noticia chega-nos por intermedio do «Correio dos Açores», e não sabemos de onde foi respigada.

Mas o nosso prezado colega garante a autenticidade, e embora o acontecimento, por si, pouco valha — vale ainda como um eco do poder fascinador da literatura de cordel, da eternidade dos seus folhetos maravilhosos.

* * *

REUNIU-SE hoje, sob a presidencia do sr. dr. José do Vale Matos Cid, a assembléa geral do Banco Fonsecas, Santos & Viana.

Aprovados o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes á gerencia de 1937, foram eleitos para os dois novos lugares de administradores os srs. José Maciel Alves e Joaquim Manuel Germond de Oliveira, antigos empregados do banco, e vogal do conselho fiscal o sr. Francisco Xavier dos Santos Silva.

* * *

A FOLHA official publica a declaração de que o decreto-lei que modifica os contratos realizados com as companhias de cabos submarinos tem as assinaturas dos srs. ministros das Finanças, das Obras Publicas e das Colonias.

* * *

OS amigos e admiradores do sr. dr. Ramada Curto, o illustre dramaturgo autor da «Recompensa», em cena no teatro Nacional, vão promover um banquete em sua honra, que se realizará ainda durante o mês de janeiro.

O 4.º ANO d'A Mariazinha

A Mariazinha passa hoje o seu 4.º ano de serviços prestados ao publico. Neste dia, ela entende que nada de mais oportuno poderia dizer do que reproduzir aquilo que prometeu no dia da sua abertura.

Orgulha-se A Mariazinha de poder reproduzir, exactamente, as promessas feitas ha quatro anos.

Entre as suas palavras e os seus actos, está a prova clara, inofensiva, da segurança das suas afirmações e da seriedade com que tem orientado a sua acção.

Que todos quantos com ela têm lidado reparem nas suas promessas e avaliem os seus actos.

O seu procedimento passado torna-a justamente credora de que nela confiem para o futuro.

Hoje, 20 de Janeiro de 1934, «A Mariazinha» abrirá as suas portas ao publico, na rua Barros Queiroz, 26 e 28, á igreja de S. Domingos. «A Mariazinha» é um estabelecimento que se destina á venda de cafés e chás, assim como a mercadorias ao mesmo ramo ligadas.

A sua especialidade será a de cafés moidos. Nos seus lotes, exclusivos, só entrarão os elementos mais puros e saos, e a sua preparação será feita pelos processos mais aperfeiçoados que até hoje se conhecem.

O seu proprietário, Jeronimo Coutinho, afirma categoricamente que «A Mariazinha» se fundou com o proposito firme de só vender produtos de qualidade superior, fora de toda a suspeita, para que, no genero, haja uma casa escrupulosamente especializada, onde toda a gente possa comprar com absoluta segurança.

«A Mariazinha» não é uma casa de luxo. Mas é uma casa limpa, alegre e acolhedora, onde todas as pessoas podem entrar confiadamente, na certeza de serem honestamente servidas e delicadamente atendidas.

«A Mariazinha» quer impôr-se e criar nome, e bem sabe que só o consegue servindo bem. Por isso, confiem todos nos produtos que «A Mariazinha» lhes vender.

A representação diplomática de Portugal em Tanger

O «Diário do Governo» publicará amanhã um despacho nomeando o 2.º secretario de legação, sr. Luiz Jorge da Costa para prestar serviço junto do ministro-consul de Portugal em Tanger, presidente do «Comité de Contrôle», cargo que o nosso representante, sr. Barjona de Freitas, assumiu recentemente, conforme noticiámos.

NOTÍCIAS DA FOLHA OFICIAL

O tenente Francisco Pimenta da Gama e o capitão João da Costa Andrade foram exonerados, respectivamente de comandantes da Polícia de Segurança Publica dos distritos de Viana do Castelo e da Guarda.

SALÃO Luso Artístico

Hoje, das 21 ás 2 horas, cantam a distinta e considerada actriz

ADELINA FERNANDES

e **Modesto Maia**

Faz a sua exhibição em anedotas e monólogos o estimado actor

Ruy Metelo

Adelina Fernandes Noite de alegria.
RUA NOVA DA TRINDADE

RETIRO DA SEVERA

Rua Antonio Maria Cardoso, 5
Telefone 25979

Hoje, ás 21 horas—Noite da Moda—**Berta Cardoso, Maria Emilia Ferreira, Adalina Silva, José Porfirio, José Pereira.** Orquestra Tipica Algarvia.

Amanhã, 3.º recital português. Grandioso successo. **2.ª Noite do Ribatejo** nas suas cantigas de saudade e vibração, **João da Cruz**, no **Fandango**.

Jantares a 12\$00. Entrada franca.

ANTIGO SOLAR DA ALEGRIA

Alice de Oliveira, Maria Carmen, Domingos Silva e o concertista de viola **Martinho de Assunção**. Esmerado serviço de restaurante

CADA CIGARRO

RED-RING

proporciona ao fumador

10 MINUTOS DE PRAZER!

As temperaturas de hoje

LOCALIDADES	Temperatura as 9 h. 37 m.	Maxima nas 24 horas	Minima nas 24 horas
Lisboa	9,2	14,8	8,4
Porto	—	16,3	5,4
Montalegre	4,6	9,5	0,1
Moncorvo	3,6	—	3,4
Guarda	3,2	7,8	1,1
Serra da Estrela	9,5	9,5	1,8
Castelo Branco	8,7	14,1	5,3
Caldas da Rainha	8,1	14,9	7,6
Campo Maior	9,8	13,7	5,3
Monte Estoril	13,0	14,6	8,7
Evora	9,1	14,2	7,2
Beja	8,3	14,1	6,1
Praia da Rocha	9,8	15,0	9,0
Lagos	12,7	16,0	8,0
Faro	12,6	17,0	9,0
Caramulo	5,8	12,2	4,6
Vila Real	5,1	16,6	2,7

Os mais interessantes romances para senhoras e meninas

MAX DU VEUZIT

Volumes publicados:

Meu Marido
Unico Amor
Casamento Tentador
John, Chauffeur Russo
O Segredo de Montjoya
A Mulher que Venceu
Um marido Ideal
Filha de Principe
Solar dos Castanhos
A Noiva do Automato
Sem Amor
Uma Garota sem Importancia
O Poço Misterioso
Coração de Marfim
Deliciosa Mentira
Romance duma Noite
Sombra Dominadora

Romances de Magali

o unico autor que rivalisa com

MAX DU VEUZIT

Uma Boneca que tinha Coração
Um marido caído do Céu
Prisioneiro por Amor
Ambição de ser Lady
A Vida é um Sonho
Revelação Improvista
Milagre de Amor

Cada volume 10\$00

Edição Romano Torres

Rua Alexandre Herculano, 70
LISBOA

Café Restaurante - TAVARES

(O mais confortavel de Portugal)

SALMAO, recebido diariamente, quillo 42\$00, e LAGOSTAS, quillo 14\$00.
Lanches e banquetes para casamentos. Todos os dias Lampreias do Minho

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato
18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TEL. 4 7063



AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Partida aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL, FRANCESA GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc. MERCADARIOS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Informações. Wagons-lits // Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

«Amigos de Lisboa»

O plano de urbanização da cidade

E' já no proximo domingo que ás 16 horas a direcção do Grupo «Amigos de Lisboa» acompanhada de todos os seus socios, vai á Camara Municipal entregar ao sr. engenheiro Duarte Pacheco o trabalho sobre o plano de melhoramentos da cidade, elaborado pela Secção de Estudos de Estética e Urbanização, do referido grupo.

Dessa Secção, que é presidida pelo sr. dr. Alberto Mac-Bride, fazem parte os seguintes socios: Gustavo de Matos Sequeira, Luiz Pastor de Macedo, engenheiros José de Araújo Correia, José da Cunha Monteiro, José Perry de Sousa Gomes e Antonio Emidio Abrantes, architecto Antonio Couto, escultor João da Silva, drs. Levy Marques da Costa, Arruda Furtado, Virgilio Saque, José Gonçalves Santa Rita e Jorge Lobo d'Avila, Roque da Fonseca, representando a Associação Commercial de Lisboa, D. Vasco Bramão, representando a Associação Industrial e José Martins Casal, representando a Associação Commercial de Lojistas.

O trabalho, que já está impresso, será distribuido no mesmo dia, a todos os socios.

Banco Espirito Santo e Commercial

Está publicado o relatório do Banco Espirito Santo e Commercial de Lisboa, referente a 31 de dezembro de 1937.

Este Banco, resultante da fusão dos dois que se representam no seu actual titulo, mostra uma situação prospera, e lucros no montante de 6.479 contos.

O passivo e o activo jogam com 421.597 contos, encontrando-se no passivo os lucros citados e mais 1.708 contos de saldo de exercicios anteriores.

O fundo de reserva do Banco fica elevado a 53.200 contos.

Navios de guerra estrangeiros

Com destino a S. Vicente de Cabo Verde deixou hoje de manhã o Tejo o aviso holandês «Jan Van Brakel». O seu comandante esteve a deixar cartões de despedida aos representantes diplomaticos do seu país e nas estações de Marinha.

A despedida, compareceram no cais os srs. consul geral da Holanda, Mario de Noronha, e Jacques Morburgo, bem como outros membros da colonia holandesa. O navio largou ás 12 e 30.

— Fundeou no Funchal o transporte de guerra francês «Le Mekong».

VITIMA DE DESASTRE

Maria Celeste da Conceição, moradora na calçada de Santana, 179, 1.º, foi derrubada por um automovel, na avenida Almirante Reis, ficando com uma perna fracturada. Recolheu ao hospital de S. José.

Metal distendido



PARA CIMENTO ARMADO
Tabiques, tetos, etc.

CASA LINO

Rua Bacalhaoiros, 113 — Telef. 2 1374
— LISBOA —

BOLSA DE LISBOA

20 de janeiro
CONTADO

VALORES	Effectuar	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1930/37	949\$00	948\$00	950\$00
4 0/0 1934	984\$00	982\$00	984\$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	—	2.205\$00	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.023\$00	1.022\$00	1.024\$00
4 3/4 1934	—	1.113\$00	—
5 1/2 0/0 1933	—	1.070\$00	—
Extorno 3 0/0 1.ª Série	—	—	1.730\$00
3 0/0 2.ª	1.881\$00	1.880\$00	1.884\$00
3 0/0 3.ª	1.720\$00	1.715\$00	1.721\$00
Autelias 3/4 3.ª Série	164\$50	164\$00	164\$50
Accções			
BANCOS			
Espirito Santo e Commercial de Lisboa	—	—	—
Lisboa & Açores, port.,	375\$00	375\$00	—
Portugal, portador,....	—	1.122\$00	1.122\$00
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	241\$00	241\$00
Nacional	—	—	760\$00
Sagres	—	—	—
Lagos	—	1.300\$00	—
C.ª DIVERSAS			
2.ª P. ordinaria	—	—	—
• privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.,	—	—	—
• ass. 1934	—	145\$00	—
• ass. 1936	—	147\$00	—
Credito Predial	—	14\$90	14\$00
Gaz e Electricidade	310\$00	310\$00	311\$50
Portugal e Colonias	88\$20	88\$00	88\$30
Navegação	128\$00	127\$50	128\$50
Portuguesa de Pesca	—	278\$00	290\$00
• de Tabacos	403\$50	403\$00	404\$00
Tabacos de Portugal	347\$00	347\$00	348\$00
Tabaqueira	—	—	—
Uniao Electrica Portug.	—	—	—
COLONIA			
Açúcar de Angola	395\$50	395\$00	396\$00
Busi — 1.ª Emissão	48\$70	48\$60	48\$80
— 2.ª	47\$50	47\$50	—
Ilha do Principe, as.	390\$00	389\$00	391\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	188\$00	187\$50	188\$00
Prediais 6 0/0 — 1932/33	—	—	—
7 0/0	103\$50	103\$00	104\$00
Uniao Elect. Portug. 6 1/2 0/0	114\$00	114\$00	115\$00
— 5 0/0	—	104\$00	105\$00
Busi 9 0/0	111\$50	111\$00	111\$50
6 1/2 0/0	—	116\$00	120\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110\$17	110\$19
Paris	\$74,1	\$74,1
Madrid	1\$28,0	1\$28,1
New-York	22\$03,3	22\$04,5
Zurich	\$609,1	\$609,4
Roma	1\$15,9	1\$16,0
Bruxelas	\$373,4	\$377,6
Amsterdã	12\$27,8	12\$28,5
Berlim	\$8\$7,5	\$8\$8,0
Praga	\$77,3	\$77,3
1.º de Janeiro	1\$29,0	1\$29,1
Libra ouro	—	—

TRIBUNAIS

Na Boa-Hora

No 9.º Juizo Criminal, sob a presidencia do sr. dr. Baptista Rodrigues, respondeu hoje o empregado do comercio Azuil Rodrigues, acusado de, no dia 2 de agosto, do ano passado, ás 23 horas, no 3.º andar do predio n.º 285, da avenida 5 de Outubro, após rapida discussão familiar, haver agredido voluntariamente, com uma garrafa, José Antonio Bacalhau, que veio a falecer no Hospital de S. José. O reu confessou o crime e alegou que foi provocado e agredido antes pela vitima, e não ter intenção de matar ao arremessar a garrafa.

Depuseram três testemunhas de accusação e oito de defesa. Terminados os debates, o tribunal recolheu para deliberar.

As 16 e 40 foi lida a sentença que condena o reu em dois anos de prisão maior celular, ou três de degrêdo, e mil escudos de imposto.

—Deve ser tambem julgado ainda esta tarde Domingos Garcia que, em 28 de junho do ano passado, agrediu á navalhada, na rua José Falcão, Antonio Rodrigues Fiuza, causando-lhe doença por vinte dias. Devem depôr dez testemunhas de accusação e defesa.

Foi condenado em cinco meses de prisão correccional, vinte dias de multa a um escudo e mil escudos de imposto.

—No 5.º Juizo Criminal está a ser julgado Henrique Costa, acusado de, na madrugada de 24 de agosto do ano passado, ter entrado, por meio de chave falsa, na residencia do queixoso, Mario Raul de Carvalho da Silva, dali furtando varios objectos e roupas no valor de 3.700 escudos.

Queimada com agua-rás

Muito queimada com agua-rás, deu entrada no hospital de S. José, a servçal Eva Cruz, de 16 anos.

PASTELARIA FERRARI

Almoços, lanches e banquetes

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Pergunta-nos um leitor, que viu, entusiasmado, «A Avenida dos Milhões», quais os títulos, em português, das deliciosas canções de Irving Berlin.

Aí vão:
«This Year's Kisses» (os beijos deste ano); «I've got got My Love to Keep me warm» (O meu amor é um sol); «The girl ou the Police Gazette» (A rapariga da gazeta policial); «He Ain't got Rhythm» (Ele não tem ritmo); «You're Laughing at me» (Ris-te de mim); e «Slumming on Park Avenue» (A Avenida dos Milhões).

Claro que as traduções são livres, libérrimas! Vê-se pela pergunta que a música de «Avenida dos Milhões» impressionou o público. E ha razão para isso. De facto, é das melhores partituras que temos ouvido em filmes modernos. Para todos os gostos: trepidante, romântica, frívola ou apaixonada. Pela primeira vez os compositores encontraram um entreccho cinematográfico de larga inspiração. Daí o êxito universal da linda música!

A festa de João Guerra

É hoje à noite que realiza a sua festa artística no Capitólio o apreciado actor João Guerra, com um programa cheio de atracções e em que colaboram muitos dos mais populares artistas do nosso teatro ligeiro e cantadores de fado.

O surpreendente espectáculo começa pela exibição do consagrado filme «Doidos milionários», seguindo-se-lhe o hilariante intermedio comico «Charlot no Music-hall», feito por Octavio de Matos.

Haverá depois uma sessão de fados por apaudidos artistas.

A quarta parte da magnifica festa é preenchida pela representação integral do quadro de rua da revista «Pão Salão», com Octavio de Matos no «compère».

O espectáculo é encerrado com um soberbo «Fim de Festa» em que tomam parte Vasco Santana, Antonio Silva, Assis Pacheco, Barros Lopes, Santos Carvalho, Carlos Sampaio, João Pio, e os pequeninos artistas Maria José, Maria Helena, Alvaro Fajeca e o bailarino Luiz de Sousa, estes três últimos do elenco infantil do Eden-Teatro. O festejado fará as apresentações.

A festa de Ausenda de Oliveira

É na proxima 2.ª feira que se realiza, no Avenida, a festa artística da actriz Ausenda de Oliveira «estrela» de opereta, há muito retirada da cena e pela qual o publico continua tendo as maiores saudades e o mesmo carinho de sempre. O programa deste espectáculo, a que concorrerão todos os admiradores de Ausenda de Oliveira, é deveras sensacional dando ensejo

a que o publico possa voltar a ver a festejada num papel da sua feição artística. Representa-se uma das comédias do repertorio da companhia Maria Matos e, a fechar, a celebre opereta, em 2 actos «A Viuva Alegre em Cascais», de Leroy, musica de Franz Lehar, na qual Ausenda de Oliveira, com varios artistas liricos, interpretará a protagonista «Aninhas» (criada) a «Viuva Alegre».

Atrás do reposteiro

A festa artística da grande actriz Maria Matos realiza-se no sabado, 29 do corrente, no Avenida, com os primeiros e segundos actos da peça «A Sombra», de Nicodemi, e «O Escorpião», adaptação de João Bastos.

— A companhia Maria Matos, que está preparando activamente a sua «tournée» á Africa, assunto já decidido, acaba de receber convite do empresario e proprietario do Teatro Opera, no Rio de Janeiro, sr. Vital Ramos de Castro, para ali fazer a proxima temporada teatral.

— O actor Jorge Grave, regressado do Porto volta a agitar a idéa de repôr num dos nossos teatros, oportunamente, a opereta portuguesa «A Rosa do Adro», de Abreu e Sousa.

No projecto de certa empresa de grandes capitais figura a exploração dum teatro que está agora funcionando; doutro que está encerrado provisoriamente; doutro que há anos vem explorando cinema e doutro, novo, que seria construido na rua da Palma.

— Dentro em breve deve efectuar-se em Santarém a inauguração do novo teatro Rosa Damasceno, que acaba de passar por uma total transformação, ficando sendo um dos melhores do país.

— Faz hoje anos a cantadeira Arminda Vidal.

— «Recompensa» continua a levar ao Nacional, todas as noites, uma formidável multidão que não se cansa de aplaudir a notavel peça de Ramada Curto. No domingo haverá «matiné» para as pessoas que dos arredores da capital e mesmo de Lisboa não podem ir á noite ao teatro.

«O Dragão de Fogo», no Coliseu

O Coliseu, com uma impressionante enchente, denunciando previsão de grande acontecimento, iniciou ontem uma temporada de cinema e com o filme proprio, «O Dragão de Fogo», de aventuras fantasticas e larga metragem, 26 quadros divididos em três partes, na terra, no espaço e num planeta ao qual os protagonistas chegam num foguete electrico que recorda a bala de Julio Verne para a viagem á lua, com que o cinema appareceu ha bons trinta anos. Os homens daquele planeta são como nós ainda que alguns tomem aspectos de homens-passaros, homens-leões e homens-tubarões, estes competindo com Buster Crabbe em prodigios de natação realizados debaixo de agua e bem filmados. A indumentaria que eles usam é a dos nossos antepassados, mas os seus progressos na utilização da electricidade, da T. S. F. e da televisão, e até da aviação, excedem os nossos. E com tais elementos se travam

fantasticas lutas que a multidão aprecia, vibrando nos momentos dificeis e explodindo em aplausos na hora das vitórias repetidas dos heróis do filme que recorda, com todas as vantagens da cinematografia, aquelas magicas de teatro que fizeram época, com dragões terríveis que lançam fogo, e mastodontes anti-diluvianos, cuja reconstituição é, neste caso, admirável, custosa, e julgamos que perfeita nos movimentos dos membros e da cabeça.

Além de Buster Crabbe e de duas bonitas raparigas, Jean Rogers e Priscilla Lawson, tomam parte no «Dragão de Fogo» os gigantes John Lipson e Richard Alexander, e ainda Charles Middleton, Frank Sannon, Duke Yorg Junior, Earl Askan, Theodore Corch, James Pierce, Muriel Goodspeed e Richard Tucher.

Antes do «Dragão de Fogo» pode-se ver um largo e pormenorizado documentario dos antecedentes do ataque da aviação japonesa á canhoneira norte-americana «Panay», seguido do afundamento e desembarque da tripulação e da condução dos feridos para um hospital chinês R.

«O Dragão de Fogo» e o «Afundamento da «Panay» num espectáculo monstro, hoje, no Coliseu

O publico vai de novo delirar de entusiasmo esta noite, no Coliseu:—é a segunda noite de exibição completa do colossal filme de aventuras «O Dragão de Fogo» com Buster Crabbe, campeão de natação e Jean Rogers e que ontem, na sua estreia, alcançou o mais seguro e definitivo êxito. É, sem dúvida, o melhor de todos os filmes do genero realizados até hoje. Exibir-se-á tambem o emocionante documentario do afundamento da canhoneira americana «Panay», atacada pela aviação japonesa. É a reportagem mais completa, feita pela «Universal», deste tragico acontecimento. O Coliseu tem os mais baratos preços de cinema.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Recompensa».
Avenida—A's 21 e 30—«Antes que casem...».

Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«Olaré quem brinca!».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Odéon—A's 21 e 15.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Palácio—A's 21 e 30.
Paris—A's 21 e 30.
Royal—A's 21.
Rex—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ

2.ª semana

Fainha Victoria

A's 21 e 30

filme historico. Primorosa interpretação de Anna Neagle

CONDES

2.ª semana

As Perolas da Côroa

A's 21 e 30

um filme de e com Sacha Guitry, Zaccari, Raimon, Jacqueline Delubac, Itence St-Ger, etc.

CAPITOLIO

Festa de actor João Guerra

DUIDOS MILIONARIOS

Tel. 2 7493 A's 21

Um fim de festa teatral, fados, etc.

REX

S. QUESTÃO DUMA VIDA

BORNEO

Tel. 2 8656 A's 21 e 15

Canção Nacional pelos cantadores do Retiro da Severa.

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30

Bonequinha de seda

TIVOLI

Shirley, soldado da India

A's 21 e 30

com Shirley Temple, Victor Mac Laglen, G. Aubray Smith e June Lang— Direcção de John Ford.

ODEON

2.ª semana

Vêr, ouvir... e calar

A's 21 e 15

Tel. 2 6 83

PALACIO

espírituosa comédia com FERNANDEL

O Turbilhão da Morte

A's 21 e 30

Tel. 4 7163 com Jack Holt e Nan Gray

TERRASSE

Lação na noite A valsa do aóeus

Tel. 2 0917

ROYAL

MARIA PAPOILA Vagabundo do amor

Tel. 4 5037 A's 21

POLITEAMA

ESTREIA

Uma donzela em perigo

A's 21,45

filme musical com Fred Astaire e Joan Fontaine

CENTRAL

O famoso dueto vocal PILS e TABET

Tel. 2 4381

O NOVO CAMINHO DO PARAISO

PARIS

Tel. 6 2 30 A's 21 h.

ALMAS EM PERIGO

com Gary Cooper

LYS

Um ladrão na noite Acusação

JARDIM CINEMA

Lloyds de Londres Plano D. O. X.

Novidades CINEMATOGRAFICAS

Ter graça...

No cinema como na vida real ter graça não é coisa facil e não tem graça quem quere, mas quem possui esse agradável dom. Para que um filme resulte comico, nos provoque o riso, dois elementos são indispensaveis: um argumento cheio de bom humor com um dialogo feliz e uma interpretação por bons artistas comicos.

São estes dois elementos que vamos encontrar num filme que se estreia por estes dias, com o titulo de «Um sogro ideal».

O argumento está trêido com aquela graça gaulesa, ligeiramente picante, com que se causticam os ridiculos da sociedade burgueza. Para dar vida, graça, «entraín» a este argumento foi escolhido o grande comico francês Duvalles, tendo como partenária Jeanne Aubert.

Ora Duvalles é um artista comico da mais alta categoria. Conhece-o o publico português dum filme que ainda ha pouco teve um extraordinario sucesso entre nós, denominado «Falsos Viuvos». Duvalles é o comico que nos faz rir sem monices, sem palhacices. Tem a sua maneira particular de dizer as coisas, tem um facies especial que provoca em nós o riso, mas mantendo-se sempre dentro da linha de actor distinto.

Jeanne Aubert, aquela rapariga de linha elegantissima, voz agradabilissima e duma veia comica natural, é a partenária ideal para Duvalles.

Para que «Um sogro ideal» resultasse realmente uma boa comedia, capaz de nos criar um bom humor perduradouro, entram na interpretação das personagens mais dois artistas comicos de nome: Pauley, o gorduchão Pauley, e Colette Darfeuil, a nervosa artista de tantos filmes francezes que temos apreciado em Portugal.

Com esta tetralogia, Duvalles, Jeanne Aubert, Pauley e Colette Darfeuil ha a certeza de que «Um sogro ideal» é um filme destinado a um estupendo sucesso no Cinema Condes, onde se estreia.

Os medicos no cinema

A vida, a psicologia, os conflitos sentimentais dos medicos tem sido motivo de alguns filmes, mas nem sempre felizes. Tem-se procurado pôr em foco a sua dedicação pelos doentes, levada até ao sacrificio, ás vezes da propria vida. Mas a psicologia criada através duma cultura superior como é a dos medicos, duma vida em constante contacto com a dor e o sofrimento, essa não tem sido focada no cinema. E, no entanto, é interessante conhecer como reagem perante o coração, a alma do medico, os conflitos correntes da vida sentimental de todos nós, entre os quais tem especial relêvo o amor.

É este interessantissimo assunto o que é tratado com superior mestria no filme «Chamada á vida», que em breve se estreia no Cinema Condes que na presente época tem o segredo dos grandes filmes.

Para interpretar a figura dum medico, operador de nome, foi escolhido Victor Francen, o grande artista que o nosso publico tanto admirou em filmes como «Vespora de combate», «El-rei», «O caminheiro», «Noites de fogo», etc.

Estamos certos de que «Chamada á vida» vai constituir um sucesso como quasi todos os filmes que Victor Francen anima com a sua arte, a sua distincção, a sua linha de actor moderno.

O Carnaval de 1938

Aproxima-se a passos largos o Carnaval do corrente ano e as casas de espectáculo prepararam-se para proporcionarem ao publico da capital espectaculos alegres, onde se ria e se folgue, como é proprio da quadra.

Sabemos já que a empresa do Cinema Condes está organizando o programa dos espectaculos nestes quatro dias de folia, de maneira a tornarem-se inolvidaveis.

Uma vistosa ornamentação interior e exterior cria um ambiente proprio. Quanto ao programma, além de filmes especiais, comicos, adrede escolhidos, haverá numeros de variedades escolhidos entre o que ha de melhor no genero. Assim, sabemos já que grupos de palhaços e de augustos darão ás «matiné» e ás «soirées» uma especial animação com os seus engraçados intermedios comicos. Grupos de bailarinos porão uma nota artistica nos espectaculos. Numeros especiais, ainda em contrato, constituirão as melhores surpresas carnavalescas.

VARIEDADES

Hoje, ás 8,30 e 11 horas

OLARÉ QUEM BRINCA!

A r vista que dá sota e ás em Lisboa



OVOS PARA INCUBAÇÃO

Chocadelras — Criadelras

Anilhas, Comedouros, Bebedores, etc.
Agencia I. de Representações, Lda.
220, Rua da Madalena, 224 — LISBOA

AVENIDA

Hoje e todas as noites—A's 9 1/2 horas

A comedia das mil gargalhadas

ANTES QUE CASES...

pela

Companhia Maria Matos

Domingo — A's 3 1/2

Matinée do Perfume

CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA

A GUERRA CIVIL

O predio do Chiado pertencente á casa Burnay

que foi vendido em leilão data do século XV

Foi ontem vendido em segunda praça, por dois milhões e quinhentos mil e cinquenta escudos, um dos predios mais antigos de Lisboa, cujos fundamentos têm, pelo menos, cinco séculos. Trata-se do grande imóvel, de cinco andares, ao lado da igreja do Loreto, onde estão instalados varios estabelecimentos, cujas fachadas deitam para o Chiado e para a rua Nova da Trindade. Arrematou-o a Caixa de Previdência do Ministerio da Educação Nacional, para colocação de capital.

A historia do predio é curiosissima. Vem desde 1448 até nossos dias, através de sucessivas gerações, e de não poucas almoedas. Contou-a ha pouco, com pormenores interessantissimos, o brilhante escritor Matos Sequeira, arqueologo notavel e o rebuscador incansavel das velharias de Lisboa, que fômos procurar na sua silenciosa cazinha da travessa de S. Mamede, cheia de sol e de espirito. Foi uma frutuosa visita. Matos Sequeira forneceu-nos todos os elementos, extrahidos do seu livro «O Carmo e a Trindade» que, por estes dias, deve entrar no prelo.

—O predio primitivo, diz Matos Sequeira, foi construido em 1448 pelo cidadão de Lisboa Luiz Anes, que alugou o terreno á Camara por dois «leais» de prata, moeda de então.

—Como se chamava o sitio?

—Vila Nova de Santa Catarina. Tinha essa designação desde mil trezentos e setenta e tantos, quando D. Fernando fez as muralhas que cingiam a cidade. Anteriormente, chamava-se Vila Nova da Pedreira. Era, então, o bairro moderno de Lisboa, com lindas vistas sobre o Tejo, e de bons ares. Os terrenos pertenciam á Camara, que os tinha aforado, em 1430, a Tomaz Luiz Chaves. Luiz Anes fez as suas casas, com a competente cisterna, que ainda hoje ali deve existir, entre os fundamentos.

—Os anos passam...

—Em 1483 a casa está na posse de Alvaro Roiz de Azevedo, sobrinho de Anes, e fidalgo de sua majestade, que pagava á Camara cinquenta reais brancos. A casa ficava encostada á muralha da cidade, que ainda ali existe...

Ante a nossa surpresa, Matos Sequeira explica:

—A parede que fica a nascente, da igreja do Loreto, é a muralha fernandina. Espessa, catorze metros de largura, e deve ir até ao edificio, onde está agora a Companhia dos Telefones.

E, reatando a curiosa historia da propriedade, agora vendida:

—Por morte de Alvaro Roiz de Azevedo, ficou com ela seu sobrinho, D. Duarte de Azevedo, também fidalgo, e o filho deste, Rui Dias de Azevedo. A viuva do ultimo vendeu-a em 10 de outubro de 1552 ao opulento genovês Lucas Giraldes—especie de Burnay do século XVI, em cuja posse devia entrar mais tarde—que fez obras importantes, abrindo uma tribuna para o altar-mór da igreja do Loreto, privilegio que lhe custou um conto e duzentos mil reis.

—Não tinha Giraldes que sair de casa para ouvir missa...

—Por morte do genovês herdou a propriedade o filho Francisco Giraldes, mas em 27 de setembro de 1591 ia á praça o imóvel, por dividas. Arrematou-o Antonio Vaz Bernardes, fidalgo da casa real, e quando este morreu passou para a posse duma neta de Lucas Giraldes, a qual casou com o alcaide-mór Francisco de Sá e Menezes. Em 1625 ainda se chamava ao patio que deitava para a hoje rua Nova da Trindade—«Patio de Maria Giraldes».

«Herdou a casa o filho daquele. Sebastião de Sá e Menezes, alcaide-mór de Sines, casado com D. Violante Mas-

carenhas. Teve este fidalgo varias desinteligencias com a irmandade da igreja do Loreto...

—Sabe-se a causa?

—Sabe-se! Por querer fazer um alaradouro, no alto das muralhas, que devassava o templo. A casa continuou na posse da familia Sá e Menezes, até que em 1708 foi de novo á praça, arrematando-a o secretario da guerra, João Pereira da Cunha Ferraz, que foi quem deu o nome á «Travessa do Secretario da Guerra», actual rua Nova da Trindade.

—Por quanto foi arrematada?

—Por seis contos cento e cinquenta escudos. O tal secretario da Guerra, que era já proprietario na travessa do seu nome, levantou as paredes construindo um palacio, de dois andares, com sacadas para o largo do Loreto e para a hoje rua Nova da Trindade. Havia até uma janela de canto nesse cunhal. A traça era nobre, numerosos salões, todos forrados de azulejos, dois patios, um dos quais decorado á andaluza, um portal de cantaria lavrada, com as armas do secretario da Guerra, uma capela, evocação da Madre de Deus, com quadros pintados pelos melhores artistas da epoca, além de cocheiras, cavalariças, palheiros e outras dependencias. O secretario da Guerra morreu em 1738, deixando em testamento determinado que o palacio fosse vendido, e do seu produto se erguessem capelas, com obrigações de missas, e outros encargos piedosos, com a condição, porém, de só se fazer a transacção depois da morte da sua segunda mulher D. Ana Joaquina Lencastre.

E consultando um apontamento dos muitos que pejam a sua escrivania de letras, Matos Sequeira elucida, nesta longa viagem de cinco séculos:

—Foi, em virtude desse testamento que, em 1754, a 12 de julho, a propriedade foi posta em praça. A irmandade do Loreto saiu vencedora, adquirindo-a por vinte e nove contos e cinquenta mil reis.

—Qual a fisionomia do imóvel?

—D. João V tipico, como ainda hoje se vêem tantos exemplares, por essa Lisboa. Olhe, como aquele predio, que está em S. Pedro de Alcantara, em frente da linha do Elevador. Mas vai

desaparecer esse aspecto. A cidade desmorona-se. E' o terramoto de 1755. A casa arde, pegando fogo á igreja. Em 1760 a irmandade quere reconstruir a casa, mas não tem verba. Pede seis mil cruzados, que não chegam, porque ha noticia de novos emprestimos trinta anos depois a Bento José da Costa: três contos e duzentos para acabamentos.

Pormenor interessante:

—A casa tinha os numeros 1 e 3 sobre a travessa e 11 a 17 sobre o largo. Data dessa epoca o seu aspecto actual, com um andar levantado mais tarde, e algumas obras, que devem ter alterado, ligeiramente, alguns pormenores architectonicos. A irmandade tinha feito sucessivas hipotecas consignadas ao pagamento da arrematação, em 1755, 1787 e 1843. Nesta data ainda devia mais de vinte e um contos. Em virtude das dificuldades financeiras da irmandade do Loreto, os herdeiros da testamentaria que eram, então, os descendentes do secretario da Guerra, moveram-lhe uma execução, e a propriedade que havia sido avaliada no ano de 1858, em 38 contos, foi á praça, no Pelourinho velho, que era, então, ao fundo da rua da Prata. Ignoro por quanto foi adquirida. Sei, porém, que a almoeda se realizou em 21 de abril de 1872, ficando com o edificio a casa Tomaz Burnay, tio ou pai do grande Burnay dos Tabacos. Foi aí que figurou pela irmandade o conde de Bobone e o celebre architecto Aquiles Rambois, este, socio do famoso cenografo Cinatti.

—Quanto tempo esteve a casa na posse da familia Burnay?

—Sessenta e cinco anos, até ontem, em que o pregoeiro deu o arrematado ao dr. Santos Lucas, representando a Caixa de Previdência do Ministerio da Educação Nacional. Decerto que já não lhe entregou o ramo verde, que antigamente significava a arrematação. Mas não deixaria de se ouvir o velho formulario verbal das almoedas, que já se usava no século XVI:

—*Dou-lhe uma, dou-lhe duas, e uma mais pequenina. Se mais me dessem mais aceitaria.*

E como não se ouviu mais nada, o pregoeiro arrematou:

—*Dou-lhe três!*

O roubo de papeis de credito

Continua por descobrir o paradeiro do autor ou autores do importante furto de que foi vítima um penhorista da rua da Rosa. Há apenas a noticia de que estiveram em Paris há dois meses três portugueses suspeitos, sendo dois deles portadores de papeis de credito que tentavam negociar.

Seriam eles os autores ou cúmplices do gatufo? Foram presos? Qual a sua identidade? Nada se sabe. Até agora, ainda não foi pedida para o caso a intervenção das nossas autoridades diplomaticas ou consulares.

Como evitar o frio dentro de casa economicamente

das frinchas das janelas, portas e marquises (mesmo as de ferro) sem alterar em nada os movimentos. — Peças com 12 mts. a Esc. 12400. — Colocação \$30 por metro. — R. da Conceição, 11. — Telef. 2 6850.

CALAFETAGEM

Leia hoje o

fixe

Uma questão de foros

Há cerca de quatro anos, alguns habitantes do concelho de Proença-a-Nova recusaram-se a pagar os seus foros, que consistiam em 400 alqueires de milho. Por esse motivo, sofreram execução fiscal. Alguns reclamaram, mas não foram atendidos. Procuraram então opôr-se á execução, o que motivou a intervenção dum agente da P. I. C., o qual apurou as responsabilidades que cabiam a cada um dos inviduos que se recusaram a pagar os foros. Estavam envolvidos neste processo Luiz Cardoso Manhãna, Antonio Cardoso, João Pires Alves, Luiz Cardoso Tavares e João Antonio Cardoso.

Há dias, o presidente da Camara de Proença-a-Nova, sr. Alfredo Lopes Tavares, foi procurado por aqueles individuos, acusados de instigarem os outros a não cumprirem as suas obrigações. Prometeram pagar os foros em atraso, se a sua responsabilidade no caso fosse atenuada. E assim fizeram, esperando que os seus conterraneos lhes sigam o exemplo.

Teatro Nacional

Hoje — A's 21 e 30

A grandiosa peça em 3 actos original de Ramada Curto

RECOMPENSA

Os nacionalistas co

todos os ataques d

SALAMANCA, 20—O Grande Quartel General comunicou: «No sector de Teruel repelimos todos os contra-ataques inimigos com grandes perdas para os vermelhos. Dominamos agora completamente o rio Alfambra. Fizemos centenas de prisioneiros e recuperámos uma quantidade considerável de material de guerra».—(Havas).

Informações de Barcelona

BARCELONA, 20—Os assaltos dos insurrectos contra as posições republicanas a nordeste de Teruel continuam a chocar-se com a fortissima resistencia dos governamentais. Desde ha dois dias, não obstante a intensa acção da artilharia e aviação, as tropas de Franco, apoiadas por muitos «tanks», não conseguiram romper as linhas republicanas que defendem a leste de Conclud a passagem para Teruel. Muleton, uma das colinas contra as quais mais se encarnicou o exercito nacionalista, continuava ontem, depois de varios ataques, em poder dos governamentais. Ontem, os insurrectos quiseram abrir caminho a leste de Conclud e Muleton, mas todos os ataques foram repelidos. As posições dos republicanos estão notavelmente fortificadas e bem providas de armas automaticas. A impressão é de que a operação dos insurrectos tende antes a afastar o perigo que constituia a proximidade das linhas republicanas da estrada de Calatayud do que a tomada de Teruel.—(Havas)

Os voluntarios estrangeiros

SARAGOÇA, 20. (Dum enviado especial da Havas):—Entre os prisioneiros que os nacionalistas fizeram na frente de Teruel figura certo numero de estrangeiros. Falei particularmente com um dinamarquês, um norueguês e um letão, que viviam nos Estados Unidos quando foram alistados.—

Os «raids» da aviação nacionalista

LONDRES, 20—Os bombardeamentos de Barcelona e Valencia causaram profunda e penosa impressão na Imprensa britânica. Os jornais geralmente favoraveis a Franco, como o «Daily Mail», abstêm-se de apresentar aquele acontecimento como um alto feito dos nacionalistas. O resto da Imprensa censura abertamente, mas vê nos bombardeamentos talvez o inicio duma nova tactica de Salamanca. E'

As bôdas de ouro de Lloyd George



Lloyd George festeja no proximo d politico inglês reside actualmente aqui com sua mulher e sua filha n

Maxim's

Hoje — GRANDIOSO BAILE DE MASCARAS
Variedades pelo notavel Ballet Internacional «LYA BERTY» e por MARIA DEL BOSQUE.
Deslumbrantes decorações luminosas
AS SENHORAS MASCARADAS TÊM ENTRADA LIVRE

ARCADIA

GRANDE SUCESSO DOS
Sem duvida alguma o melhor Ballet que veio a
cos e especialmente o «RANGO CARACTERIS
Novos numeros pelo BALLET LASTING-SPRINGS E
2 ORQUESTRA

L EM ESPANHA

Continuam a repelir os governamentais

nomeadamente o que pretende o redactor diplomatico do «Daily Herald». Teruel — diz — convenceu Franco de que as probabilidades duma victoria militar definitiva estão muito reduzidas. Restam-lhe duas possibilidades: esfomear os governamentais cortando-lhes as comunicações marítimas ou quebrar o moral da população civil com «raids» aereos constantes. Os «raids» teriam, além disso, a vantagem de tornar os portos de Valencia e Barcelona inúteis e obrigar o governo republicano a retirar da frente os seus aviões para darem caça aos aviões de bombardeamento nacionalistas». — (H.)

Figueras bombardeada

PERPINHÃO 20.—Os aviões nacionalistas bombardearam esta manhã, pela primeira vez, a cidade de Figueras que fica a uns vinte quilómetros da aldeia fronteiriça de Perthus. Aquela cidade não tem nenhum refugio. O objectivo dos nacionalistas era o campo de aviação que não foi, porém, atingido. Algumas bombas caíram na estação onde causaram bastantes estragos. A sala de espera, onde se encontravam umas cem pessoas, não foi atingida. Outras bombas caíram nas imediações dum aquartelamento de Caseil, mas ninguém foi atingido. — (Havas)

Troca de prisioneiros

BAIONA, 20.—Devia-se efectuar ontem à noite na fronteira francesa a troca de 41 oficiais nacionalistas por outros tantos republicanos, quaisquer deles presos durante operações militares, mas tal facto não foi levado a efeito porque só compareceram os oficiais republicanos que vieram de S. Sebastian sob escolta. Todavia, parece que o grupo de oficiais nacionalistas atravessará hoje mesmo a fronteira franco-catalã, em Cerbere, devendo a troca efectuar-se na sexta-feira de manhã na fronteira franco-basca. As respectivas formalidades serão preenchidas na presença de três delegados da Cruz Vermelha Internacional que já se encontram em Hendaia.

Anuncia-se, por outro lado, que atravessaram a fronteira 150 crianças vascas que se tinham refugiado na Belgica depois da tomada de Bilbao pelos nacionalistas. Um comboio formado em Irun leva-as directamente para Bilbao. — (Havas)

George



ia 24 as suas bodas de ouro. O famoso em Antibes, na Côte d'Azur. Vêmo-lo no terraço do hotel onde está hospedado

"5 BROCKS"

Portugal. Seus numeros acrobáticos, são unicos no seu genero. BALLET e VARIEDADES ESPANHOLAS

AS 2

A GUERRA SINO-NIPONICA

A China aceitaria a paz com alívio desde que ela se baseasse no respeito pela soberania nacional

HANKEU, 20.—«Toda a China sofre com esta guerra sangrenta e destruidora imposta pelos invasores. Aceitaremos com alívio a possibilidade de concluir uma paz honrosa baseada no respeito pela soberania nacional. Mas, enquanto os princípios proclamados pelos japoneses continuarem a ser desmentidos pelos seus actos e enquanto tivermos razões para recear que por detrás de disfarces diversos se esconde o fim real do Japão, isto é, a vassalagem da China, continuaremos a resistir com todas as nossas forças a pesar da tragica extensão dos inevitáveis sacrificios». E' este o «leitmotiv» comum ás declarações recolhidas pelo representante da «Havas» junto dos principais dirigentes chineses durante uma série de conversações particulares. A posição, particularmente solida adoptada pela China no plano do direito internacional e do direito das gentes não sofreu nenhuma alteração desde o início das hostilidades, ao passo que os intuitos de guerra nipónicos parecem constituir o assunto de importantes discussões em Toquio á medida que a tese japonesa oficial — a acção militar motivada pelo unico desejo de cooperação com a China e pela supressão do anti-niponismo — se torna cada vez mais difficil de sustentar perante o tribunal mundial.

Por enquanto, não se entrevê a possibilidade de conciliar atitudes absolutamente opostas assim como não se vislumbra as bases mínimas indispensáveis a negociações com probabilidades de exito. Os dirigentes chineses sublinham que durante as recentes tentativas para iniciar negociações de paz por intermedio do embaixador alemão, Trautman, os japoneses não quiseram precisar as suas exigencias, limitando-se a indicar condições de caracter geral cujas consequências e modo de aplicação poderiam ser interpretados diversamente e tornar-se uma fonte de graves mal-entendidos.

E' possível que o ministerio dos Negocios Estrangeiros nipónico não pudesse ser mais claro nas suas condições, devido a divergencias políticas, que existem no seio do governo nipónico, sobretudo por efeito da incerteza que há quanto á sua aceitação pelos militares. Numa palavra, é impossível, que se dê uma alteração radical na attitude dos dirigentes chineses, assim como seria illusorio esperar que as hostilidades cessem bruscamente.

Considerações sobre a situação chinesa

Estas conclusões apoiam-se no seguinte: 1.º—A unidade da China surge mais profunda e solida aos olhos dos que, baseando-se no seu passado, nela não acreditavam; 2.º—As cisões que alguns previam no seio do governo chinês não se deram, nem parecem iminentes; 3.º—O Kuomintang, que tem sido alvo de numerosas criticas, reconhece a necessidade de reformas e evoluciona cada vez mais para o liberalismo admitindo nas funções oficiais novos elementos recrutados fora do partido; 4.º—A colaboração muito activa dos antigos adversarios comunistas constitui um simbolo significativo da subordinação de todos os problemas internos á causa da defesa nacional; 5.º—Contrariamente aos recentes boatos — este é o ponto essencial — os dirigentes chineses mais favoráveis á paz e que são reputados como os representantes do «Partido da Paz», não aceitam de maneira nenhuma a paz incondicional. Pelo contrario, são favoráveis apenas a uma paz aceitável pela nação e que não seja atentatória da sua soberania.

Nesta altura, cabe fazer a seguinte pergunta: como é inutil esperar que os militaristas nipónicos, inebriados pelas victorias, renunciem presentemente aos seus desígnios de dominio na China e, como, por outro lado, é evidente que os exercitos chineses terrivelmente sacrificados, não estão em condições de encontrar a decisão nos

campos de batalha, qual será o futuro imediato? Assistir-se-á verosimilmente, salvo acontecimentos imprevistos, a um periodo caotico durante o qual as tropas chinesas, reagrupadas, se esforçarão por entrar o mais possível o avanço nipónico que se efectua do norte e do leste sobre Hankeu. A acção japonesa contra Kuantung não parece por enquanto imminente, a não que o avanço sobre Hankeu esbarasse com importantes obstáculos. Assim como não houve declaração de guerra, é possível que so muito tarde se assinie a paz. O governo chinês — que parece não ter ficado muito impressionado com a decisão nipónica de não mais o reconhecer — organizaria novo recuo para o interior limitando o territorio escolhido para uma resistência duravel ás provincias do centro, oeste e sul.

A situação financeira, se bem que precaria, não é motivo de inquietações immediatas. As ultimas colheitas foram abundantes, pelo que está afastado o perigo da fome. As novas estradas e os novos caminhos de ferro em construção em direcção á Indochina, á Birmania e á Russia vem aumentar as possibilidades da importação e da exportação. Os novos exercitos em formação devem permitir a substituição progressiva das unidades combatentes. Em suma, o periodo dos quatro proximos meses deve ser o mais critico e talvez decisivo para o futuro da China e de todos os países interessados no problema do Extremo Oriente. Finalmente, se a China consegue dobrar o cabo da primavera sem a subversão da sua estrutura nacional, não seria impossível que ela começasse a ver desponstar a sua libertação futura sob a influencia de numerosos factores que trabalham lentamente a seu favor. — (Havas)

A mediação para a paz

PARIS, 20.—A proposito do comunicado de Berlim, «L'Epoque» escreve: «A Alemanha quer em suma livrar a sua responsabilidade, depois do fracasso da mediação no conflito sino-japonês. Isto não é de natureza a surpreender-nos. Hitler considera sem duvida que a conquista muito extensa do Japão na China terá serias vantagens para o comercio do seu país. A imprensa inglesa lança um balão de ensaio — porque é que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha não tomariam a iniciativa da mediação? A Italia seria afastada, pois há a impressão de que age no Extremo-Oriente para complicar a situação muito mais que para simplificar-la. A mediação das 4 potencias terá mais probabilidades de exito do que os bons officios da Alemanha? Ignoramos — mas talvez valha a pena tentar um novo esforço nesse sentido». — (Havas)

A sugestão foi mal acolhida em Berlim

BERLIM, 20.—Foi mal acolhida a sugestão dum jornal francês para a mediação comum da França, Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos no conflito sino-nipónico. O «Deutsche Allgemeine Zeitung» censura que a diligencia sugerida vise especialmente o Japão e não seja inspirada em considerações de estrita neutralidade que caracterizaram até agora a attitude do Reich nesta questão. — (Havas)

O incidente de Tien-Tsin

LONDRES, 20.—De Changai comunicaram á «Reuter» que, devido á situação no territorio ocupado pelos japoneses, o general Telfer Smollet, comandante das tropas britannicas de Changai, preveniu os subditos britânicos do perigo que correm de saírem do perimetro a oeste da concessão. Além disso o incidente provocado ontem pelos japoneses quando quiseram penetrar na concessão britannica de Tien-Tsin para prender um chinês, foi mais grave do que se disse. Parece que as autoridades nipónicas ameaçaram os ingleses de empregar a força até ás 15 horas não lhes fosse entregue o chinês. Afinal os japoneses

renunciaram a persistir no seu proposito visto o caso — segundo eles — ter sido consequencia dum mal entendimento. — (Havas)

Prisões em Changai

LONDRES, 20.—De Changai informam á «Reuter»: — As policcias da Concessão Internacional e da Concessão Francesa prenderam 98 chineses e 1 chinesa suspeitos de terrorismo anti-nipónico. Nove deles já foram postos em liberdade. — (Havas)

Embarcou para Hong-Kong o embaixador chinês no Japão

TOQUIO, 20.—O embaixador da China no Japão embarcou com destino a Hong-Kong. Arita e Yuki, respectivamente ex-ministros dos Negocios Estrangeiros e das Finanças, visitaram-no antes da partida. O embaixador chinês enviou uma mensagem de despedida ao Japão em que dizia particularmente: «Os exemplos historicos provam que a existencia das nações está cheia de vicissitudes. Essas vicissitudes, porém, não são de caracter permanente. A força das armas não pode abafar o sentimento nacional. Creem os japoneses clarividentes que a situação actual é o preludio da felicidade eterna do povo japonês? Pedi varias vezes ao meu governo a demissão do meu cargo. Consegui-o finalmente. Deixo o Japão possuido dum sentimento inexprimível». — (Havas)

As construções navais japonesas

TOQUIO, 20.—Começou no ministerio da Marinha a conferencia da Imprensa. O almirante Noda, a quem se perguntou se o Japão tencionava iniciar a corrida dos armamentos navais com a construção de couraçados de 43.000 toneladas, respondeu: «Só a construção de couraçados não significaria tal inicio. Com efeito, para se efectuar essa corrida seria preciso construir paralelamente navios doutracategorias. Seria a America que a inauguraria num ritmo de construção que romperia as proporções das frotas previstas em Washington. As construções em massa dos sovietes teriam o mesmo efeito. O Japão afirmou sempre que não queria entrar numa corrida dessa ordem. O seu programa baseia-se no principio da não ameaça e da não-agressão».

O mesmo almirante declarou, porém, não poder desmentir a construção de super-couraçados, pois ele mesmo ignorava os pormenores do programa, «mas — disse — as potencias não devem temer que se realizem em segredo as construções nipónicas. O Japão não se afastará daquele principio. A acção da marinha na China visa unicamente a assegurar a paz no Extremo Oriente e no mundo. As potencias devem ter confiança no Japão».

Concluiu annunciando que de futuro se absteria de desmentir as informações dadas com respeito ao programa de construções do Japão. — (Havas)

As operações militares

De origem chinesa, anuncia-se que as tropas chinesas, depois de violento combate, que durou 4 horas, repeliram 200 marinheiros japoneses de 3 navios de guerra que ontem de manhã tentaram desembarcar no porto de Yulin, na ilha de Hai-Nan, sob a protecção da artilharia e aviação. — (Havas)

De Han-Keu comunicaram á «Reuter» que se annunciou oficialmente que as tropas chinesas cercam Wu-Hu, a 50 milhas de Nanquim, no Yang-Tse. Wu-Hu foi tomada pelos japoneses em dezembro ultimo e desde então os chineses não deixaram de perseguir a guarnição niponica. Por outro lado sabe-se que os japoneses retomaram a ofensiva na frente da via-ferrea de Tien-Tsin a Pu-Keu e que chegaram a curta distancia de Peng-Pu, na provincia de An-Hwei, que é o seu principal objectivo. A chuva e a neve prejudicam, porém, as operações niponicas.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria del Consuelo de Velasco y Méra Benito Garcia, D. Eugénia Maria de Vilhena Gomes Palma, D. Maria Isabel Oom, D. Luíza Maria Machado Perry Vidal, D. Matilde da Costa Salema Hinsenkalp, D. Julia Sofia Inês da Silva, D. Maria do Carmo Pais de Sande e Castro, D. Leonor Avelar Maia e D. Hermenegilda Valpina Martins Satrio Pires.

—Fazem hoje anos o sr. dr. Barros Marinhos e sua gentil filha, a menina Ana Julia Barros Marinhos.

—Faz amanhã anos a sr.^a D. Augusta de Jesus.

CASAMENTOS

Celebrou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Odete Maria de Sousa Calado Simões Pires, gentil filha da sr.^a D. Alda Maria Sousa Calado Simões Pires e do sr. Adelino Simões Pires, com o sr. Luiz Francisco Pereira de Abreu Marques filho da sr.^a D. Ilda da Anunciação Pereira de Abreu Marques e do sr. Maciel Caetano Filipe Basto Marques, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Mariana Nogueira da Silva e D. Maria de Lourdes Santos de Mendonça Belo, e de padrinhos os srs. João Jorge da Silva e Luiz de Mendonça Belo, presidindo ao acto o reverendo prior da freguesia que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Primavera», seguindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

A CARIDADE

Chá mah-jong

Vai aumentando de dia para dia o interesse pelo «chá mah-jong» de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, leva a efeito nos salões do Club Taumauquico, á rua Ivens, na tarde do dia 24 do corrente, a favor da benemerita instituição Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio.

A marcação de mesas para «mah-jong», «bridge» e «bluff» faz-se pelo telefone 2 3554, para onde também se faz a requisição de bilhetes de admissão.

FESTA DO FADO

Esta noite volta decerto a ser o «Retiro da Severa» á rua Antonio Maria Cardoso, o ponto de reunião preferido pela nossa melhor sociedade, depois dos teatros e cinemas, visto ser quinta-feira, noite da moda, para a qual a gerencia organizou um belo programa em que figuram além da brilhante artista Berta Cardoso, os cantadores privativos da casa Maria Emilia Ferreira, Adelina Silva, José Porfírio, José Pereira, completando o programa a celebre Orquestra Tipica Algarvia, que de exhibição para exhibição maior exito vai obtendo.

Amanhã, sexta-feira, repetir-se-á o recital português «Noite do Ribatejo», nas suas canções de saudade e vibração, dirigido pelo inspirado poeta Antonio Botto, e que tanto successo alcançou na noite de terça-feira passada, atraindo ao «Retiro da Severa» uma enorme e selecta concorrência, que aplaudiu com verdadeiro entusiasmo todos os componentes do grupo coral, completando o programa os cantadores privativos da casa Maria do Carmo Torres, Deonilde Gouveia, Julio Proença e Augusto Pereira.

As noites de hoje e de amanhã, no «Retiro da Severa» vão decerto marcar pela animação e elegancia.

O dia religioso

AMANHÃ, 21.—Santa Inês virgem martir. Lausperene, sai da igreja de S. Sebastião da Pedreira para a de S. Vicente. S. Sebastião da Pedreira, ás 11, missa, sermão e procissão.

S. Vicente, ás 11, missa solene da exposição do Lausperene; ás 18, terço de Benditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos, e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

Liga Regionalista Portuguesa

Como noticiámos, realiza-se no sabado, num restaurante da Baixa, o 4.º Jantar de confraternização da Liga Regionalista Portuguesa. Será hospede de honra o eminente homem publico, sr. prof. dr. Alfredo de Magalhães, que virá expressamente do Porto presidir ao banquete. O sr. João Afonso Corte Real fará uma «parla» intitulada «Motivos dinamicos do regionalismo patrio», que será seguida duma critica por outro socio da Liga. Distintos poetas e poetas recitarão poesias da sua autoria e artistas do nosso teatro cantarão canções regionais.

O presidente da Liga, sr. dr. Gilberto Marques, fará o discurso official e exporá os trabalhos recentemente realizados e os em curso de realização. Será inaugurada a saudação privativa da Liga e o «Regulamento dos banquetes». Reina grande entusiasmo, havendo já grande numero de inscrições.

VENCIMENTOS DE FUNCIONALISMO

e situações anômalas

«...Sr. Director:—Tem o jornal que V. tão dignamente dirige dado publicidade a queixas justificadas contra anomalias resultantes da applicação da lei dos vencimentos ou seja o decreto-lei n.º 26.115.

Nas suas linhas gerais esta lei é uma nova revelação do grande espirito de justiça do sr. presidente do Conselho e ela vem pôr termo a situações irregulares e imorais. Muitos foram os funcionarios que por ela viram melhorada a sua situação. Mas, é necessario esclarece-lo, algumas anomalias surgiram por virtude dessa lei, anomalias de que o legislador não tem a menor culpa, pois é evidente que elas resultam da má interpretação da doutrina do Decreto. Os diversos Ministerios interpretaram o espirito da lei cada um de maneira diferente.

Veja V. este facto: aos regentes agricolas do quadro do Ministerio da Agricultura foram fixados os vencimentos de 1.300\$00 e 1.200\$00 e 1.000\$00 por mês, respectivamente para os regentes agricolas de 1.ª, 2.ª e de 3.ª classes. Isto indicava que os regentes agricolas em serviço noutros Ministerios deveriam ter vencimentos equivalentes.

Com effeito, o Ministerio da Justiça assim o entendeu e fixou para os regentes agricolas em serviço nas colonias penais o vencimento de 1.200\$00. Mas, no Ministerio da Instrução Publica, hoje da Educação Nacional, procedeu-se de maneira diferente. Aos regentes agricolas que prestam serviço nas Escolas Secundarias e Superiores foi-lhes fixado respectivamente o vencimento de 900\$00 e 800\$00. Veja-se que os das Escolas Superiores têm ainda vencimento menor. Não ha nada, absolutamente nada, que justifique esta disparidade de vencimentos entre categorias iguais de funcionarios publicos. Se alguma differença tinha de haver, esta deveria ser a favor dos que prestam serviço nas Escolas, pois estes têm funções de auxiliar no ensino e, demais, os regentes agricolas das Escolas não têm um horario de trabalho regular como os seus colegas das Repartições no Ministerio da Agricultura que entram ás 11 horas e saem ás 17, e aqueles trabalham a qualquer hora sem limite de tempo.

Os chefes de culturas do Instituto Superior de Agronomia, eram recrutados entre os regentes agricolas do quadro do Ministerio da Agricultura mediante concurso de provas publicas. Logo, leram-lhes exigidas aptidões superiores á dos seus colegas do Ministerio da Agricultura. E afinal para ficarem com vencimentos inferiores aos daqueles e até aos dos regentes agricolas das Escolas Secundarias, cuja situação não deixa ainda de ser injusta.

E' evidente que o legislador nunca julgou que o seu pensamento pudesse sofrer tão rudes e dispares interpretações.

Rogamos a V. desculpa deste desabafo e creia-nos admiradores e agradecidos pela publicidade desta carta. Um assíduo leitor».

Exposição bibliografica alentejana

Despertou grande curiosidade e entusiasmo a noticia da realização da exposição bibliografica que o Gremio Alentejano vai realizar nos seus salões. Os exemplares devem ser enviados á secretaria pelos editores e autores, que já foram solicitados nesse sentido, para que as entregas sejam feitas até fim de fevereiro para effeitos de catalogação.

Os primeiros volumes começaram já a chegar, estando a direcção convencida de que todos os alentejanos se interessarão pelo brilhantismo deste certame, enviando já os livros de sua autoria, jornais antigos ou revistas que se publicassem no Alentejo, a fim de, em qualidade e quantidade ser, como se espera, valiosa, a exposição. Alguns exemplares vão também o Gremio Alentejano adquirir para figurarem depois na sua biblioteca.

Deve marcar com verdadeiro acontecimento esta realização, onde apparecerão entre tantas e tantas obras de modernos e contemporaneos, outras dos alentejanos Garcia e André de Rezende, Bernardim Ribeiro, Publica de Castro, Cristovão Falcão, Bocage, José Agostinho de Macedo, Soror Mariana, Frei Amador, Arrais, Jacinto Freire de Andrade, Abade Correia da Serra, Curvo Semedo, José Duro, Ualho de Almeida, Antonio Sardinha, Brito Camacho, Conde de Monsaraz, Florela Espanca, Viana de Liz, Manuel Ribeiro, Hernani Cidade, Agostinho Fortes, Mario Beirão, Silva Tavares, Gabriel Pereira, Azinhal Abelho, Belo de Moraes, Custodio Cabeça, Bento Caeiro, Manuel Subtil, Sergio Vieira, Lourenço Caiola, Apriço Mafra, Rui Coelho, Mira Fernandes, conde de Ficalho, Manuel Dias Nunes, Ladislau Picarra, Victor Mendes, Freitas Branco, Mario de Barros, João Pereira da Rosa, Leopoldo Nunes, Fernando de Sousa, João Azevedo Coutinho, Eugénio Silva, Silva Picão, etc.

Pelo interesse que tem despertado, é de esperar que todos aqueles a quem foi dirigida correspondencia e os que do facto tenham conhecimento, correspondam ao apêlo e solicitação do Gremio Alentejano, para que redunde brilhante esta verdadeira parada de valores alentejanos.

Noticias do Algarve

OLHAO, 19. — Os larápios furtaram ao comerciante João Costa, desta vila, 120 sacos vazios de carvão, no valor de 600\$00. Também no «Albergue Masculino dos Velhos» os larápios furtaram um pote com azeite e uma importante quantidade de chourico. A Policia procura os autores dos referidos roubos.

— Não tem consistencia a noticia emanada de Monte Gordo que diz não cumprir a Empresa de Camionagem Moncarapachense as carreiras com entrada prescrita naquela localidade. Além das carreiras diarias com entrada ali, a referida empresa tem só ás segundas e quartas-feiras uma carreira ás 8 e 20, não a podendo fazer todos os dias á mesma hora porque tal não lhe é permitido, nem tem sido conveniente requerer a sua concessão.

FARO, 19. — Pelo sr. Comissario do Desemprego, capitão Malheiros, foi enviada a verba de 6.000\$00 ao sr. governador civil de Faro, para ser distribuida pelos desempregados mais necessitados do Algarve. Consta-nos que a referida verba vai ser brevemente distribuida.

— Em virtude do município local ter aumentado em 30 por cento o imposto a pagar pelos hortelãos e demais vendedores dos mercados, ultimamente tem-se sentido ali a ausencia destes, e os arugos têm subido consideravelmente. Parece que outrotanto se passa em Loulé e noutros mercados das varias localidades algarvias.

Corre ainda a noticia de que a venda do leite aos domicílios vai ser monopolizada por quatro individuos, o que, naturalmente, vai sobrecarregar o publico no preço dum produto de primeira necessidade.

— A pesar do ano ter sido abundante na produção de azeitona, o preço do azeite que a principio era de 3\$00 por cada lito, aumenta de semana a semana, sendo o seu custo actual de 5\$60 o litro. Parece que este aumento fantastico do azeite se deve aos monopolios que meia duzia de individuos estabeleceram no Algarve, e vai do sal até aos vinhos.

Não haverá quem ponha termo a estes abusos que dia a dia aumentam o custo da vida?

Publicações

«Album Alentejano»

Está já concluido o «Album Alentejano», interessante trabalho regionalista dirigido pelo jornalista alentejano Pedro Muralha. Faltava publicar-se o tomo relativo ao distrito de Portalegre, assim como o apêndice á provincia do Baixo-Alentejo, tomos estes que se concluirão agora.

O «Album Alentejano», impresso a côres, com magnificos desenhos de Manuel de Oliveira, contém 1.172 paginas e insere mais de 2.500 gravuras, focando tudo quanto o Alentejo tem de mais interessante. Ali se vê colaboração dos escriptores alentejanos Fialho de Almeida, Brito Camacho, Manuel Ribeiro, Mario Beirão, Silva Tavares, Fernando de Sousa, Hernani Cidade, Agostinho Fortes, Celestino David, Florbela Espanca, etc.

Tem também colaboração dos srs. general Lacerda Machado, coronel Passos e Sousa, Juiz Loução e outros alentejanos. A parte agricola está entregue aos seguintes engenheiros-agronomos: Evora, Santos Garcia, Beja, Mira Galvão, Portalegre, Vitoria Pires. Tratam da pecuaria no Alentejo distintos especialistas como o sr. dr. Garcia Pereira. Vale a pena ver a exposição deste trabalho na livraria Ventura Abrantes, rua do Alecrim, n.º 80. A edição é da Imprensa Beza.

BANQUETE DE HOMENAGEM

Promovido pelos alunos da licenciatura da Faculdade de Farmacia de Lisboa realiza-se no proximo dia 29 do corrente, no Avenida Palace, um banquete de homenagem ao sr. major Bernardo Simões, motivado pela sua retirada do professorado.

A inscrição aberta a todos os seus amigos e admiradores, pode effectuar-se nos seguintes locais:

Faculdade de Farmacia de Lisboa, Sindicato Nacional dos Farmaceuticos, Farmacia Central do Exercito, Farmacia do Hospital da Marinha, Farmacia Liberal, Avenida da Liberdade, União dos Farmaceuticos de Portugal Farmacia Carreto, r. do Loreto e Avenida Pajace Hotel. As inscrições encerram-se no dia 26.

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Hoje, pelas 21 e 30 realiza-se na sala Portugal da Sociedade de Geografia a conferencia do sr. dr. Fausto Landeiro sobre o tema «O dinamismo da Nova Alemanha», com a passagem do filme «O triunfo da vontade».

Os bilhetes de admisión podem ser solicitados na secretaria da Sociedade de Geografia, podendo os socios e convidados fazer-se acompanhar de senhoras de suas familias.

CULTURA FRANCESA

Amanhã, ás 15 e 30, realiza o sr. Warnier, no Licen de Pedro Nunes, a 2.ª lição sobre o tema «La Reaction ideologique ou doctrinal, Paul Bourget, etc.».

DESPORTES

Portugal-Espanha

A direcção da Federação Portuguesa de Football assediada com pedidos de «entradas de favor» no campo José Manuel Soares, por pessoas que desejam assistir gratuitamente ao Portugal-Espanha, a realizar em 30 do corrente, torna publico que no cumprimento dos preceitos regulamentares, só não cobrará bilhete a quem tiver direito legal de entrar livremente no campo.

A Espanha treinou

a-fim-de defrontar a selecção portuguesa de «football»

No passado domingo, em Sevilha, a provavel selecção espanhola de «football» que defrontará o «team» português, no proximo domingo, dia 30, nas Salecias, treinou durante hora e meia, em desafio a sério, contra um mixto sevilhano, ante um publico numeroso e entusiasta que, como succede em casos semelhantes, esteve sempre ao lado do onze treinador.

Os grupos alinharam como adiante informamos:

Selecção nacional.—Eizaguirre; Ciriaco e Quinceoces; Germán, Soladrero e Arana; Epi, Agustín, Campanal, Herrerita e Vazquez.

Selecção sevilhana.—Tobales; Joaquín e Deva; Peral, Borhóquez e Irastorza; Saro, Torronlegui, Hoyos, Leoncio e Valera.

O «team» espanhol venceu por 3 pontos a 1, mas ao fim da primeira parte encontravam-se os sevilhanos a vencer por 1 a 0.

O desafio treino—afirmam-no os jornais de Espanha—foi admiravel, e cumpriu inteiramente os fins em vista. Os espanhóis concluem que a selecção melhorou em relação ao valor evidenciado em Balaidos, em virtude «duma melhor disposição das linhas avançada e media», com a entrada de Campanal e de Saladrero.

O ponto sevilhano foi marcado por Leoncio, em «shoot» de recarga, Agustín, no 2.º tempo, estabeleceu o empate, e Campanal fez o segundo «goal», seguido dum terceiro, obra de Epi.

O mais curioso do caso é que os espanhóis confiam plenamente que arrancarão nas Salecias um resultado que vingue a derrota de Balaidos. O critico Olmedo, por exemplo, diz que a Espanha pode confiar no «desquite». Isto corresponde, pois, a um estado de espirito, que constitui um factor importantissimo, pois nos diz que o grupo espanhol não se sente diminuído, mas sim capaz dum belo comecimento.

Ora, ainda que nós confiemos no onze nacional, e estejamos convencidos de que ele repetirá—talvez com mais brilho—a façanha de Balaidos, a verdade é que o jogo deverá ser encardado com todos os cuidados possíveis, pois os espanhóis estão convencidos de que o triunfo lhes vai sorrir.

Candido de Oliveira, o seleccionador nacional, é o primeiro a compreender a dificuldade da sua missão, e a influencia que poderá exercer no «football» português a partida contra a Espanha. Assim, começou ontem a retocar a selecção, de modo a apresentá-la na maxima força.

Que o encontro tem um alto significado para nós e que continua sendo o jogo de maior agrado para os portugueses, prova-o o facto de se terem já esgotado os camarotes e as bancadas tanto centrais como laterais das Salecias.

Desafios amigaveis

Realiza-se no proximo sabado, pelas 15 horas, no campo do Rustelo, o desafio da 1.ª volta do campeonato realizado entre as Companhias de Seguros, para disputa da taça «Dr. Rebelo de Andrade», no qual são adversarios os grupos das Companhias de Seguros «A Mundial» e «Mannheimer».

Na tarde de amanhã realiza-se no vasto campo de jogos do Parque Estoril um desafio de «football» amigavel, entre as «equipes» do Estoril Palacio Hotel e do restaurante Gambrinos, no qual será disputado uma artistica taça de prata oferecida pela ultima destas «equipes».

O desafio será abrilhantado por uma excelente banda de musica que se fará ouvir num escolhido repertorio de musicas modernas.

HOCKEY EM PATINS

Taça de Honra 1937

Foi marcado para hoje, pelas 22 e 30, no «rink» Vasco Ribeiro, o jogo final deste torneio: S. L. Benfica-Sporting C. P.; arbitro, Francisco Ferreira e presidente de júri, Manuel dos Santos Lousa.

Para complemento do programa, ás 21 e 30, encontram-se as segundas categorias dos mesmos clubes.

Trata-se dum jogo decisivo para a posse da taça.

VIDA DIPLOMATICA

Tiveram a amabilidade, que agradecemos, de nos apresentar cumprimentos de despedida os srs. W. L. Gorell Barnes, antigo secretario da embaixada inglesa em Lisboa, que partiu para Londres, e João de Sainte-Marie de Moraes, que acompanhou a Salamanca o agente especial do governo português.

SINTRA -- Pensão**SANTA MARGARIDA**

Almoços a 12\$00—Jantares a 13\$00

Preço Especial fim de semana

Noticias do Brasil**General Valdomiro Lima**

RIO DE JANEIRO, 20.—Foi acometido de doença subita o general Valdomiro Lima. O seu estado é grave.—(Americana).

A viagem do dr. Getulio Vargas

RIO DE JANEIRO, 20.—Chegou a S. Borje o capitão-aviador Aquino, pilotando um avião da Escola Militar, em que deverá regressar ao Rio o dr. Getulio Vargas.—(Americana).

Conde Pereira Carneiro

RIO DE JANEIRO, 20.—A imprensa refere-se, com grande relêvo, á visita do sr. conde Pereira Carneiro aos srs. dr. Oliveira Salazar e Cardial Patriarca de Lisboa. O mundo catolico brasileiro recebeu com grande satisfação as palavras do sr. dr. Manuel Gonçalves Cerejeira a respeito do cardial-arcebispo do Rio de Janeiro, sobretudo a declaração de que cabia agora á vez ao sr. D. Sebastião Lemo de visitar Portugal.—(Americana).

Organização da justiça

RIO DE JANEIRO, 20.—Foi reorganizado o tribunal de juri em todo o país. O tribunal é constituído por um juiz de direito e por 21 jurados, sorteados entre os cidadãos maiores de 21 anos. Os que se recusarem a servir no tribunal popular perderão os direitos políticos. A função do jurado é considerada de serviço publico relevante e estabelece presumpção de idoneidade moral. O jurado sorteado pagará a multa de 100\$000 reis por cada audiência a que faltar. Se houver interrupção do julgamento, pagará 300\$000 reis.

Só serão julgados pelo juri os crimes de homicidio ou de tentativa do mesmo.—(Americana).

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS**A esquadra norte-americana**

WASHINGTON, 20.—Tudo se prepara para que os Estados Unidos assegurem a sua liberdade na construção de navios de guerra. A lei Vinson-Trammell será revista. Aquele diploma que data de 1933, estabelece que a America do Norte não atingiria a paridade naval com a Inglaterra antes de 1952. Ora ante a situação mundial a Secretaria da Marinha entende que os Estados Unidos não podem suportar restrições ao seu direito de se armarem. As tonelagens limites, em muitas categorias de barcos, já foi alcançada. Corre que, vão ser construidos contra-torpedeiros de novo tipo os quais constituirão uma nova classe. Nota-se que o almirante Leahy chefe das operações navais, tem conferenciado com Hull e com os tecnicos das questões do Extremo Oriente, da Secretaria dos Negocios Estrangeiros.—(Americana)

A aviação turca

IZTAMBUL, 20.—Com autorização de Kamutay, o governo vai aumentar consideravelmente a aviação turca. Serão comprados muitos aviões no estrangeiro e construído-se-ão varios aerodromos.—(Americana)

Charcuterie Suíça

Magnifico sortido em carnes frias de todas as especies. — Qualidades superiores. — Rua do Ouro, 272. — Telef. 21485.

V. Ex.ª
NAO
SABE?
DÓMÚZ
É O
REL. DO
ANIZ

Pensão Castro

Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e Jantares ao domicilio. Recem-se comensais. — T. 2 6877. Avenida da Liberdade, 53, 2.ª D.

Para AUTOMOVEIS

Baterias **U S L** — Velas **GLOPE**
Correias **DAYTON**

AUTO GERAL

175-R. Eugenio dos Santos 177 - Tel. 24051

ESTRANGEIRO**Missão inglesa á Colombia**

LONDRES, 20 — Lord Plymouth anunciou, ontem á noite durante um banquete em honra do ministro da Colombia na Grã-Bretanha, que uma delegação da Marinha britânica irá brevemente á Colombia. Desde o ano de 1934 que antigos oficiais de Marinha ingleses trabalham como instrutores da Colombia. Eles continuarão este serviço colaborando com os membros da nova delegação. Por fim Lord Plymouth confirmou que alguns oficiais são actualmente instruidos nos quadros da Marinha de Guerra britânica.—(D. N. B.)

KA...?**A Turquia trata****de desenvolver a sua industria**

IZTAMBUL, 20.—Vai partir para Londres uma comissão de financeiros destinada a negociar a cooperação da Grã-Bretanha no desenvolvimento industrial e na exploração de minas da Turquia, sob a forma de creditos. No plano entra a construção de uma grande fabrica de aço, a electrificação de grande parte do país e a melhoria dos portos. O segundo plano quinquenal de Ataturk prevê o levantamento de fabricas de produtos quimicos, etc.

A Inglaterra e a Irlanda

LONDRES, 20.—Ontem á noite Mac Donald conversou pela ultima vez com De Valera sobre o metodo a adoptar para a continuação das negociações anglo-irlandesas quando fôr oportuno.—(Havas)

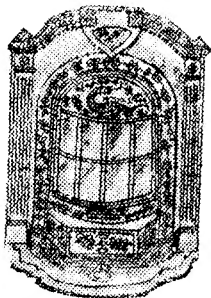
LONDRES, 20.—De Valera e os ministros que o acompanharam partiram de Londres ás 8 e 45.

De Valera disse á imprensa que lhe era impossivel fazer presentemente declarações sobre as conversações que tivera com os seus colegas ingleses.—(Havas)

Banco Fonsecas, Santos & Vianna**SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA****Capital 22.500:000\$00****Fundo de reserva 23.053:317\$76****Rua do Comercio, 116 a 132 — LISBOA**

Pelo presente se anuncia que a partir do dia 21 do corrente mês, na sede deste Banco, estará a pagamento, como complemento do dividendo de 1937, a quantia de Esc. 50\$00, por acção, cativa dos respectivos impostos.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1938.

AQUECIMENTO
Fogões e Salamandras**FABRICAS VULCANO E COLLARES****(Carlos Alfredo da Silva, L.ª)****L. Conde Barão, 13 a 17****LISBOA**

Leiam hoje o jornal humorístico SEMPRE
FIXE.

MOVEIS**Grandes e importantes****LEILÕES**

de toda a enorme existencia do estabelecimento comercial

Armazens de Moveis de St.º Antão**Rua Eugenio dos Santos, n.ºs 95 a 97 (frente ao Coliseu)**

Hoje e dias seguintes das 16 ás 24 horas, terá inicio esta importante liquidação conforme anuncio descritivo no Diário de Noticias de hoje.

Aos Hoteis, Rest. urantes, Cafés e a Particulares chama-se a atenção para este leilão.

Gerencia de: **Lourenço Constant Peral**Agente: **MANUEL FERREIRA****Rua de S. Paulo, 15 a 19****Telef. 2 4656****(Junto ao Arco)****LISBOA****Funerais e Trasladações****Agencia M. Ferreira dos Santos****RUA DE ARGOLOS, 111 — Telef. 41967****SERVIÇO PERMANENTE****A juventude alemã**

BERLIM, 20.—«Ninguém pode negar que um apaziguamento visível se produziu nas relações franco-alemãs devido aos recentes encontros entre os combatentes e Juventudes dos dois países» — declarou ontem á noite Baldur von Schirach no discurso que pronunciou na presença dos funcionarios nacional-socialistas. A proposito o chefe da Juventude alemã anunciou a abertura no proximo verão duma Casa da Juventude hitleriana para uso das Juventudes estrangeiras. Acrescentou que os Jovens alemães de 17 a 21 anos serão, de futuro, agrupados numa organização especial denominada «Fé e Beleza». —(Havas)

RUA DO OURO, 257**CASA****PALMARES****PARA TRESPASSE****LIQUIDAÇÃO****DE TODA A EXISTENCIA****OS****FAMOSOS****CHAPEUS****DA****Casa Palmares****a ESC.****40\$****50\$ 60\$ 80\$****GRAVATAS****LUVAS****PERFUMES****NOVIDADES para uso pessoal****CHAPEUS****ESTRANGEIROS****DE 180\$ 170\$ 160\$****a 140\$ e 120\$****PREÇOS de autentica****LIQUIDAÇÃO****RUA DO OURO, 257**

Supersom
— DA —

EMERSON RADIO CORP.
Ouçam! Examinem! e Confrontem
O melhor receptor da T. S. F.
Rua da Concelção, 35-1.º

ULTIMAS NOTICIAS

OURO
JOIAS E PRATAS
COMPRAM-SE

Mesmo empenhados. Quem paga melhor e a antiga ourivesaria Moitinho, Rua da Prata, 67 e 69, Esquina da R. dos Retroseiros.

BODAS REAIS

Casou-se hoje no Cairo o jovem soberano egípcio



O rei Faruk e a rainha Farida

LONDRES, 20.—Do Cairo comunicaram á Reuter que ás 9 horas (gmt) se celebrou no Palacio Kube o casamento do rei Faruk com a sr.ª Farida Zulficar.—(Havas)

CAIRO, 20.—Esta manhã ás 11 horas, o casamento do rei e de Farida Zulficar foi proclamado por toques de fanfarras e 101 tiros de peça.

A cerimonia nupcial foi celebrada segundo o rito muçulmano no palacio de Koubeh, com a assinatura do contrato de casamento pelo rei e pelo pai da noiva. As testemunhas do rei eram o chefe do gabinete real Ali Maher e o grande conselheiro da coroa Sulficar.

A noiva será conduzida á tarde da casa paterna em Heliopolis, por uma tia do rei.

O rei e a rainha oferecem esta tarde um chá aos membros das duas famílias.

Desde manhã bem cedo que uma multidão imensa se acumula nas ruas principais, especialmente em volta do palacio Koubeh, para assistir aos festejos.—(D. N. B.).

As prendas de Lebrun

PARIS, 20.—O presidente da Republica ofereceu, ao rei do Egipto, um precioso serviço de mesa em porcelana de Sévres, e á rainha um lindíssimo espelho, como prendas de casamento.—(D. N. B.).

O presente de Hitler

BERLIM, 20.—Hitler enviou ao rei Faruk um telegrama de felicitações por motivo do seu casamento. Ofereceu-lhe um «cabriolet», automovel de 4 lugares.—(Havas).

Chegou a Berlim

Fernand de Brinon

BERLIM, 20.—O conhecido publicista francês, Fernand de Brinon, chegou hoje á esta capital. Na estação era esperado pelo chefe da Juventude alemã, von Schirach. O ministro do Reich, dr. Frank, ofereceu um almoço em honra de Brinon. Esta noite Brinon pronunciará um discurso sobre as relações germano-francesas.—(D. N. B.).

Quere a sorte grande?
Habillate-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

O MOMENTO INTERNACIONAL

A reunião do Conselho da S. D. N. vai tratar problemas da mais alta importancia

PARIS, 20.—O «Figaro», em correspondência de Londres, diz: «Eden e Corbin tiveram ontem uma longa e importante conferencia, que teve principalmente por objecto o exame da moção que será apresentada na proxima reunião do conselho da S. D. N. O adiamento desta reunião, causado pela crise ministerial francesa, parece ter accentuado a desconfiança algumas pequenas potencias—a Suecia, a Holanda, a Belgica, a Romenia e a Polonia com respeito áquella assembleia. As recentes informações chegadas a Londres confirmam o boato de que os representantes daquellas potencias pedirão ao conselho que a proxima reunião se consagre a solucionar definitivamente a questão do artigo XVI e das sanções. Tal proposta não seria duma importancia particular se ella não corresse o risco de precipitar um grave debate, agravar o conflito entre certos membros, levar certas potencias a ligar-se ao eixo Roma-Berlim e colocar as duas grandes potencias numa situação delicada e perigosa segundo tomem partido por tal ou tal grupo. O governo britânico receia, com razão, as vantagens que Roma e Berlim poderão obter de tal situação. Procurou-se com diligencias diplomaticas junto dessas potencias retardar tal debate. Estas diligencias não foram bem succedidas. O governo britânico tem agora a convicção de que a S. D. N. já não é capaz de exercer um papel politico nas grandes questões internacionais. E' tempo de pôr Genebra a dormir, mas para realizar esta reforma é escusado suprimir ou transformar tal ou tal artigo: é preferível o silencio. Também é possível que Eden não assista como estava previsto á proxima reunião do Conselho. Se esta noticia se confirmar—damo-la sob toda a reserva—ella marcará a decisão do governo britânico de tratar de potencia para potencia as questões internacionais e de voltar á diplomacia de antes da guerra e dos tradicionais principios da politica de equilibrio das potencias».

O «Jour» em correspondência de Bruxelas diz: «E' possível que na proxima reunião do conselho da S. D. N. o delegado belga faça uma declaração importante. Trata-se do reconhecimento do imperio italiano devido á conquista da Etiopia. A Belgica, previamente, pôr-se-ia de acôrdo com os estados que aderiram á convenção de Oslo e que, com excepção da Noruega, se assariam ao mesmo gesto. Já se realizaram trocas de impressões entre os estudos do grupo de Oslo e ter-se-ia encontrado uma formula que seria uma plataforma entre o reconhecimento de facto e o reconhecimento «de jure». O governo britânico foi avisado das intenções da Belgica e da Holanda e estaria disposto a incluí-las, pois isso facilitaria uma solução geral».—(Havas).

Um desmentido de Bruxelas

BRUXELAS, 20.—Os meios autorizados desmentem categoricamente a noticia de que o delegado belga á S. D. N. reconhecerá o imperio italiano na proxima reunião do Conselho. A informação já fora lançada de Roma e Londres há três dias.—(Havas).

Eden irá a Genebra

LONDRES, 20.—Os meios oficiais desmentem categoricamente a noticia publicada num jornal francês de que Eden não assistirá á proxima reunião do conselho da S. D. N.

Diz-se que Eden chefeará a delegação britânica, cujos trabalhos serão dirigidos na sua ausencia por Lord Cranborne, sub-secretario de estado dos Negocios Estrangeiros.—(Havas).

Stoyadinovitch nas fabricas Krupp

ESSEN, 20.—Stoyadinovitch chegou

esta manhã em comboio especial. Foi recebido na gare pelo presidente superior Terboven e pelo maire de Essen. Os hospedes yugo-eslavos dirigiram-se immediatamente ás fabricas Krupp. Uma multidão enorme juntou-se em frente da gare e em todo o percurso fazendo a Stoyadinovitch e á sua comitiva uma ovação grandiosa.—(D. N. B.).

O premio Nobel da paz

ESTOCOLMO, 20.—Entre os deputados suecos circularam ontem listas a favor das candidaturas do Negus e do governador sueco Mane du Dagens Nyheter para o premio Nobel da paz (1938). As listas serão brevemente remetidas ao «Comité» do Sporting norueguês, instituição encarregada da distribuição do Premio Nobel da Paz.—(Havas).

S O M B R A S

(Continuação da 1.ª pagina)

caminhos de ferro que estava estudando, a enorme riqueza que representavam as inaproveitadas quedas do Douro e o plano de electrificação geral da Espanha. Concluiu:

— Vivemos uma hora de intenso trabalho!

Despedimo-nos dele, ligeiramente desconfiado com as perspectivas optimistas do seu plano de realizações. Pressentia-se já a ditadura de Primo de Rivera e, através das «entrevistas» que tivemos com pessoas de categoria politica e intelectual, fumegava o fogo-morto que os acontecimentos converteram em incendio.

Ortega y Gasset afirmara-nos:

— A Espanha não caminha, interroga-se e busca outro rumo.

Este não se enganou, embora só no exilio percebesse que as portas da patria são mais facéis de fechar que de abrir.

ARCADIA 2 ORQUESTRAS

As melhores orquestras As melhores atracções

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage—Alecrrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711

NO NEGRESKO

Restaurante Bar

Deliciosos pratos especiais
O MAIS MODERNO E O MELHOR
Tel. 2 9583

A CRISE FRANCÊSA

O gabinete Chautemps encara o futuro com confiança

PARIS, 20.—A Imprensa continua a ocupar-se do novo gabinete. O «Matin» diz: «Surtem sintomas favoráveis. O franco melhora e, no estrangeiro, presta-se atenção á restauração francesa que se iniciou. Pouco era preciso para provocar o choque psicologico que desse ao pais confiança».

O «Excelsior» escreve: «A prudencia acabou por vencer. Estamos no caminho da ordem».

O «Echo de Paris» diz: «Os radicais, que conseguiram fazer um ministerio, desembaraçado dos comunistas, sobre as ruínas da Frente Popular, teriam um belo papel a desempenhar se, na classificação dos partidos, tivessem a 1.ª audacia de inaugurar uma politica, que não seria nem da esquerda nem da direita, mas que se inspirasse duma noção experimental de salvação publica».

«La Republique» escreve: «A vontade manifestada por Chautemps de se consagrar á defesa da nossa moeda e á da paz teve feliz influencia nos espiritos. O quarto gabinete de Chautemps pode encarar o futuro com confiança».

O «Populaire» diz: «No seu conjunto o gabinete não é o que desejava ver a Frente Popular, sempre viva no pais, mas apesar de tudo, quando se apresenta ás Camaras, segundo a formula, um governo apresenta-se ainda mais aos cidadãos. Dependerá pois dele o acolhimento que lhe seja assegurado e conservado mais ou menos favoravel desde que em actos como em palavras mais se aproxime das massas que constituem a Frente Popular».

«L'Ouvre» escreve: «A Constituição do gabinete radical, que pensa poder contar com o apoio socialista, é uma solução que ninguém desejou mas que as circunstancias tornaram inevitavel. Agora porém que está constituído um ministerio nos limites e sobre o programa da Frente Popular, o interesse evidente do pais é que ele se mantenha. A sua vida está subordinada á sua accção».—(Havas).

Os atentados dinamitistas

PARIS, 20.—No caso das explosões no bairro de l'Etoile o juiz de instrução Barrue acareou o engenheiro Pierre Loauty com o dr. Kling, director do Laboratorio Municipal. O engenheiro renovou as suas declarações relativas á confecção das bombas que provocaram as explosões no dia 11 de outubro ultimo. Kling observou que estas declarações confirmavam as suas proprias verificações feitas «in loco» depois das duas explosões.—(Havas)

Chegou hoje de avião

um director geral
do Ministerio do Ar do Reich

Esta tarde, pouco depois das 15 e 30, aterrou em Sintra, vindo de Africa, um monomotor alemão pilotado pelo sr. Mulhig Hofman, director geral do Ministerio do Ar do Reich, que tomou parte, recentemente, no importante «rallye» aéreo do Hoggar. O referido «rallye», no qual tomaram parte dois grupos, o «vermelho» e o «azul» (o sr. Mulhig Hofman foi do «azul»), iniciou-se em Alger, no dia 8 do corrente, de manhã, no aerodromo de «Maison Blanche», sob a direcção do sr. Billion-Oublan, presidente do Aero-Club de Algeria. Nesse dia, partiu o grupo «azul» que, em 16 voltou a aterrar de novo no referido aerodromo de Alger. O grupo «vermelho» iniciou o «rallye» em 10 e concluiu-o em 17. A classificação só será conhecida dentro dalguns dias.

O sr. Mulhig Hofman—que era aguardado em Sintra por diversas entidades alemãs—veio para Lisboa, devendo partir depois de amanhã para Berlim.

PATISSERIE VERSAILLES

às 5 horas chá

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

A falta de assuntos, susceptíveis de eu tratar neste canto do jornal, que não sejam mera conversa, voltou a ocupar-me hoje de Lisboa.

Nunca minha pena se cansa.

* * *

A subida à presidência da Câmara duma individualidade marcante na vida publica, com obra já realizada, mas sobretudo com «capacidade revelada» — eis o que importa! — rodeado de um corpo de vereadores, entre os quais ha pessoas «capazes de», e de cinco directores de serviços competentes — permite-me explanar nestas columnas (que porventura, tão escondidas estão, não chegam à leitura do engenheiro sr. Duarte Pacheco) algumas considerações.

Creio que já, salvas as palavras, por mais de uma vez tenho exposto esta doutrina. Repetir é uma faculdade de jornalista, e chega a ser um dever.

* * *

O criterio estreito, comezinho, economico no sentido perdulario (não extranhem o paradoxo), que uma Camara, Vereação, Comissão Administrativa á frente de uma Cidade possam ter — é um tremendo erro e constitui um grosseiro processo de iludir a propria Cidade.

Não ha economia «estreita» que não seja um desperdício. Escuso de acentuar que não me refiro á economia pura que significa arrumo de verbas e boa distribuição dos rendimentos e haveres.

Refiro-me á economia illusoria de:

- Não fazer as cousas a tempo.
- Fazer-las por parcelas.
- Fazer-las «mais baratinho».
- Adiar.
- Deixar estragar o que está feito.

O mais baratinho é o processo de comprar peugas de cordão, porque custam 15 tostões no Chocolateiro, e não ter peugas no dia seguinte.

Este processo tem caracterização bastas vezes a orientação camarária municipal.

No pessoal subalterno porque recebem ordens dos chefes; nos chefes porque recebem instruções dos vereadores; nos vereadores porque receberam erradas luzes do que é economia politica e administração municipal.

Nesta altura cairia diante de mim esta aparentemente judiciosa observação: não ha dinheiro.

Quere dizer: atamanca-se!

Uma Camara Municipal não tem o direito de empregar o argumento de que não ha dinheiro.

Todos os individuos e todos os organismos officiais e particulares podem «não ter dinheiro».

Uma Camara como as de Lisboa e a do Porto não o deve confessar nunca. E muito menos não tentar, a si propria, desfazer o equivoco de que não tem dinheiro.

Não tem porque não quere. Não quere criar responsabilidades.

Tem medo.

Chegar ao fim do ano com o orçamento equilibrado — é uma preocupação estiolante.

E' a negação da economia, da economia — ciencia, e não da economia — processo.

Disse eu «não quere», com receio das responsabilidades.

Posso dizer, lealmente, que também não tem dinheiro porque as Camaras, pelo novo Código Administrativo, estão longe da autonomia dos tempos da soberania municipal. Mas isto constitui um outro aspecto.

Não é porém o Código tão hermetico (e antes do Código?) que não permita recorrer-se ao que é de recurso — eu sustento que imperativo: os empréstimos.

Como já lancei um paradoxo, lanço outro: as despesas são uma fonte de receita.

As despesas produzem. As «despesas produtivas» são um principio fundamental da economia aplicada. Não se dá novidade a ninguém, mas recapitula-se, e ás vezes é preciso.

Nunca no deve e haver se conta com o que se fez — e vale.

Uma cidade atrasada, estreita, caotica, desmoralizada de hygiene e de estetica, «apreensiva» de si propria — é pior do que um orçamento em aparente desequilíbrio.

A doutrina applicavel ao Estado não se pode, em rigor, aplicar á Camara; fez-se isso em Lisboa por motivos de fundo politico (Camara republicana Braamcamp Freire, v. g.), de exemplo, de força probatoria efeito da lei dos contrastes. Mas depois passou a ser uma truculencia financeira.

O empréstimo é uma receita extraordinaria, de resto, com a contra-partida na «obra feita», e não apenas no dinheiro que se gastou na obra.

Os empréstimos municipais são o segredo das grandes cidades como Paris, Barcelona, Madrid, Bruxelas, Rio, S. Paulo.

E numa época em que tanta gente não sabe onde colocar o seu dinheiro, e a applicação seria de capitais está circumscripção a operações suspeitas de especulação, ou seguras mas reduzidas de aval do Estado — quero dizer do proprio Estado, — o empréstimo municipal é arejamento.

De modo que...

* * *

De modo que o argumento de que não ha dinheiro não colhe.

Mas este argumento nem sempre é justificado, isto é: verdadeiro. Ha dinheiro mais ou menos. Mas ha um criterio estreito de administração — ha; tem havido com frequência — que obriga a «delapidar por economia» tornar tudo carissimo, imprevisto, incompleto, defeituoso — provisorio.

Provisorio, como os tapumes.

O «baratinho», ou o «a pouco e pouco» — e depois pára — no esquecimento lamentavel da acção do tempo, explicam muitas anomalias que por aí se notam.

Claro que no Estado isto também aconteceu.

E se alguém sabe isto bem, de cor e salteado, e era talvez até capaz de escrever sob o tema um poema em dez cantos «Os Ullisias» — era justamente o sr. engenheiro Duarte Pacheco, antigo ministro das Obras Publicas.

Julgamos pois, por bem o julgarmos, que o estado municipal que hoje é dentro do Estado a Camara de Lisboa vai seguir um novo criterio, talvez já tentado por vezes em algumas vereações e comissões administrativas, de considerar que o provisorio é um definitivo descalabro, o facil é mais difficil do que se supõe, o «baratinho» é um erro palmar.

a economia está em administrar bem, e administrar é gastar «com conta, peso e medida», mas gastar a tempo.

Gastar, por exemplo, dinheiro nas ruas não deve ser possível confundir-se com... deitar dinheiro á rua.

* * *

Mas repito, e nunca nos cansaremos de o fazer: recorra-se aos empréstimos (que o país anseia por eles), que os proprios empréstimos não ofendem o principio do equilibrio organamental.

Ha despesas municipais, em serviços varios que aqui não cabe destrincar, dentro dos quais não cabe equilibrio possível. Noutros, tecnicos e industriais, esse equilibrio é uma louvavel preocupação.

Mas na generalidade, no conjunto, a preocupação do equilibrio municipal é a negação de um outro equilibrio: o da intelligencia.

Os encargos dos juros têm uma contra-partida: o dever cumprido.

Não quero aqui recorrer á historia do Municipio de Lisboa. Mas sempre diremos que bastas vezes foi o aparente desequilíbrio, a divida regrada, que salvaram Lisboa do monturo medieval!

Outra consideração quero fazer, repetindo o muito que a este respeito se tem escrito, e satisfeito por ter visto, neste capitulo, concordar com a nossa opinião autorizada do illustre engenheiro presidente da Camara, e, nesta Pagina, eu não escreveria que ele é illustre se não o julgasse assim.

Não se atribua, pois, ao adjectivo uma assignação de mera cortezia, pois de outra intenção sei também que me não accusam.

Lisboa precisa de um plano.

Um plano que, porventura, se desdobre noutros, por zonas ou parcelamentos da cidade.

Mas um plano, estudado e «capaz» de se realizar; não planos teoricos, fantasistas, inexecutíveis, a distancia infinita das realidades possíveis.

Um plano ou planos, a distancia, sim, a distancia relativa do dia de hoje, o que implica a idéa de segurança no estudo, possibilidade na execução, segurança na traça.

Ninguém tem pressa, ninguém; o que toda a gente tem — é pressa.

Pressa de que as coisas se façam um dia, a tempo e a horas, «na certeza de que se farão».

Nós sabemos, e a actual Camara, como as anteriores, sabem-no também: nas repartições da Camara ha planos, ha projectos, ha estudos.

Tem-se feito muita coisa, até de pratico. O sr. engenheiro Duarte Pacheco, mais familiarizado com a vida dos departamentos tecnicos, e por intermedio dos directores de serviços, convencer-se-á desta verdade.

NORMA
DE
LISBOA

Mas tem havido projectos e planos tecnicos sem haver — um plano mental. Ou se o tem havido — vai com a pessoa que o concebeu para o ostracismo.

E chegámos aonde queriamos chegar.

Um projecto tecnico «obedece» a alguma coisa: idéa, principio ou tema de estado maior municipal.

Adapta-se ás circunstancias de momento. E' trabalho de laboratório, e por vezes — experimental.

Os mil planos de Eugénio dos Santos e de Mardel obedeciam a um plano mental, que não estava expresso em nenhuma carta ou mapa.

E' aquilo a que se pode chamar uma orientação.

As repartições — todas as do Estado e administrativas — são acéfalas.

(Perdõem, porque isto é apenas um simile).

Essa cabeça que não tem existido — ou só tem existido para ser contrariada por outras cabeças, não com intuitos de cooperação mas com intuitos negativistas tantas vezes — cumpre criar-se.

E onde diremos «cabeça» não é a de um individuo, mas a de um corpo de normas, idéas, doutrinas e conceitos «equilibrados e estaveis» que dêem tudo menos a anarquia.

(Se não tenho sido claro não é por falta de ter a luz nos olhos; é porque a manhã hoje está muito sombria).

Defendemos, por consequencia, um plano unico e mental, que se desdobra em planos-projectos de gabinete, uma orientação amadurecida para uma «Lisboa melhor», não rica, porque não é preciso, mas saudavel, moderna, digna senhora do Tejo.

Eis um problema bastante delicado.

Está certo: delicado e complexo.

Mas delicado é tudo, até um muro que se constrói, e que tem de ser alicerçado e apurado.

Para a concepção desse plano não se torna mister ser sabio ou heroi. Basta ser-se intelligente e tenaz, que é a maneira mais humana de aplicar a sabedoria e a heroicidade.

* * *

Para acabarmos a escrita e a leitura amenamente, e ainda tratando de Lisboa — fora do tom mais grave que usei até esta altura — eu sugeria a idéa de um inquerito.

A's obras particulares paradas, ás obras municipalizadas ou dependentes da Camara, e em estado de suspensão. A's avenidas que não começaram e se interromperam; ás ruas, pavimentos e canalizações de rede que ha o compromisso de rasgar e construir, e estão «dependentes de...».

A's casas velhas, sem significado algum, que continuam de pé, envoltas de estrume.

Aos patios, a esse problema de hygiene e de moral, que se enxerta no problema social, e que constitui uma vergonha excentrica de Lisboa.

(Eu podia dar um bom cicrone. Fala-se nos bairros das latas... Esses ao menos têm sol, e quando chove, chove como na rua. Escósa-se).

E finalmente, ou com resumo: um inquerito aos tapumes perpetuos, os tapumezinhos simbolicos, que já não encobrem coisa alguma que são uma especie de padrão num bairro, e á sombra dos quais homens feitos de hoje se lembram dos tempos em que á sua quina garotavam, jogando ás escondidas.

Senhores; ha tapumes que me parece que escaparam ao terramoto.

NORBERTO DE ARAUJO



Peões! Nas ruas ou passeios, quando marchem em sentido contrario, dêem sempre a es. querda uns aos outros.

Aprendam a andar!

Os saltos e as solas "Enfim", nacionais, rivalisam com as melhores marcas estrangeiras e são mais baratos.

Aprendam a calçar!

TEMAS DE INVESTIGAÇÃO

ALGUNS SUBSIDIOS PARA A HISTORIA da propriedade industrial em Portugal

Antes de existir a chamada Propriedade Industrial, havia a real concessão de privilégios às pessoas que introduzissem melhoramentos no Reino.

O Privilégio era uma graça ou prerrogativa que o Superior concedia ao inferior ou o soberano aos súbditos, do qual os mais não podiam usar. Havia ainda os chamados Privilégios: odiosos, favoráveis e gratuitos—numa palavra os Privilégios eram pessoais e reais. Nesta ordem de idéas, quando uma pessoa queria introduzir em Portugal qualquer engenho da sua lavra, e que esse mesmo trouxesse novidade e rendimento para o Reino, requeria a Sua Magestade, para obter o respectivo Privilégio por tantos anos.

Longos tempos foram assim.

E para demonstrarmos o que acima dizemos, lembramos entre outros os seguintes Privilégios concedidos: Ao Infante D. Henrique, em 1445, para a aplicação de pastel a tinturaria, ao mesmo Infante foram passados outros privilégios, como pelos inventos nauticos que descobriu no Promontório de Sagres e ainda sobre o açúcar que se cultivava na Madeira, de quem ele era senhor. Em 1490 a 24 de agosto, foi concedido a Martim Gil, capelão da rainha D. Joana de Castela, irmã de D. João II, a mestre Anes, criado e artilheiro do rei de Castela, a mestre Pedro, vizinho de Malaga, a Afonso Fajardo e a Pedro Catalão, barbeiro de D. João II, o privilégio de terem inventado um engenho para tirar a água dos poços. A concessão regia por 40 anos, com a proibição de alguém utilizar o invento fora das moradias, por quem ali o aplicasse pagaria 2 florins ouro. Passados os 40 anos, tornava-se livre a concessão. No tempo de D. Manuel foi concedido a Ruy de França, escudeiro o privilégio do invento de moendas (era um engenho de moer). Em 1610, a celebre Casa dos 24 decreta que nenhum oficial mecânico de qualquer officio pudessem fazer invenções na sua arte, sem primeiro declarar a Camara o que pretendia fazer, sob pena de pagar 2 mil reis de multa, que seria metade para as obras da cidade e a outra parte revertia para o denunciante. Em 1630, temos o proprio Filipe III, a 15 de novembro, a introduzir no Reino, um beneficio do bagasso, de azeitona e que para isso mandou publicar o «Regimento para administração do beneficio do bagasso de azeitona, que sua Magestade manda aplicar a sua real fazenda, e manda guardar em os reinos da corôa de Portugal». Era o proprio rei que tomava para a corôa, para não dizer para si, do privilegio do tal invento do beneficio tirado do bagasso, já também introduzido em Espanha. Tão importante era este negocio, que o monarca nomeou pessoa de sua confiança para o administrar, e um ano depois a 31 de janeiro o conde presidente era louvado pela maneira como defendia os interesses do tal beneficio do bagasso. Em 1688, a 13 de fevereiro, um tal Antonio de Miranda requereu o privilegio dum engenho de trazer agua de qualquer parte, principalmente no Bairro Alto. Pedia o inventor para sua mulher 12000 reis anuais enquanto fosse viva e que fossem pagos pela Junta do Comercio, 3 mil reis a cada um dos seus filhos, também enquanto vissem, e pagos pelas feras da Ribeira das Naus e a ele o inventor, que fazia as despesas da primeira experiencia orçada em 300.000 reis, pedia a propriedade de um officio de corretor de numero e para os seus descendentes e mais 200.000 reis por ano. A Camara embora tivesse visto neste invento, beneficio digno de estimação, não se sabe se o privilegio foi ou não concedido. Sete anos depois, a 12 de agosto, foi concedido privilegio por 10 anos a Lucas Vicente, pelo invento de pisar esparto.

Surgiu o seculo XVIII e a industria dos inventos multiplicou-se. Em 1709, temos o privilegio concedido ao celebre Padre Bartolomeu de Gusmão, pelo invento duma maquina voadora, chamada Passarola.

Com a subida ao trono de D. José e este monarca escolher para seu primeiro ministro Sebastião de Carvalho e Melo, depois Marquês de Pombal, mais os inventos floresceram. O grande estadista não só reformou a cidade de Lisboa, como proteceu e desenvolveu em larga escala, as artes, as letras, as industrias e o commercio. Os seus colaboradores Jacome Raton e Guilherme Stephens, muito contribuíram para que na parte do commercio e industria esse florescimento fosse um facto. E assim temos privilegios em 1715 a 3 de Junho, a José Freire de Monterroso, privilegio por toda a vida, para fazer uma folha semanal todas as quintas-feiras de quatro quartos de papel, que se chamaria Gazeta, e por ele ter sido quem introduziu no Reino este grande melhoramento; a 14 de julho de 1750, a Cristino Henriques Smith, o proprietario da primeira fabrica de açúcar que houve no reino, e que ficava no largo de S.

Paulo quasi em frente da Casa da Moeda; a 10 de setembro, concessão de privilegios fantasticos a companhia dos Vinhos do Alto Douro; a 5 de novembro do mesmo anno a Guilherme Stephens, pelo fabrico de cal; em 1759, a T. Sauvage, pela industria de chapéus; em 1760 a 21 de abril por 10 anos a Manuel Antunes, fabricante de naus e de pianos; em 1761 em abril era ordenado que os artificios nacionais e estrangeiros que trabalhassem em obras de nova industria e de conhecida utilidade para o Reino, apresentassem licença da Junta do Comercio, para o Senado da Camara, poder passar as respectivas licenças e os privilegios serem concedidos; a 4 de dezembro de 1764, a João Baptista Locatelli, para o fabrico de panos e de grude; a 22 de agosto de 1766, a Augusto Lourenço Thimne, para a fabricação de folhetas para a cravação de diamantes e pedras preciosas; em 1780 a 11 de dezembro pela fabricação de vidros, privilegios que foram prorrogados a 12 de dezembro de 1786, 7 de maio de 1794 e 7 de outubro de 1799; em 1778 a Simão Pereira da Silva, da Covilhã, pela fabricação de tecidos; a 8 de janeiro de 1791 a Simão de Oliveira pela industria de fição; em 1793, ao dr. Luiz Antonio de Oliveira Mendes, advogado da Casa de Suplicação, que inventou uma maquina para salvados de incendios; no mesmo anno por 10 anos pelo fabrico de louça no Porto, etc. Ao findarmos este seculo, não podemos esquecer o grande inventor que foi, e possuiu varios privilegios dos seus inventos Bento Moura de Portugal, que morreu, preso nas masmorras da Junqueira, e que deixou um curioso livro escrito no carcere n.º 7 e escrito pelo seu companheiro de infortunio padre João de Matos. Entremos agora no novo seculo (XIX), que criou mais tarde a chamada Propriedade Industrial.

Temos em 1805 o privilegio da chamada agua de Inglaterra, dois anos depois a 5 de fevereiro privilegio exclusivo a José Feuzi, para imprimir um mapa semestral dos preços correntes de generos alimentícios.

Mas as invasões arruinaram todas as vitalidades duma nação que fazia inauditos esforços para se colocar a par das suas congéneres—e foi navegando nesse alto pensamento, que o Príncipe Regente D. João, a 28 de abril de 1809 decreta do Rio de Janeiro, para que os inventores gozassem de privilegio exclusivo, e os que desejassem beneficiar a industria e as artes, apresentassem Planos dos seus inventos á Junta do Comercio, porque reconhecidas as vantagens lhes era concedido o exclusivo de 14 anos, e alargando ainda a esfera deste importantissimo decreto, foram outros publicados: o de 16 de outubro de 1810 e de 13 de junho de 1811.

Em 1837 tudo mudou. Silva Passos iniciou com o decreto de 16 de janeiro os verdadeiros principios da Propriedade Industrial, porque este decreto era «de maior necessidade ocorrer ao modo de premiar os autores dos Novos Inventos e estabelecer regras a semelhante respeito».

Esta lei é dividida em 6 titulos num total de 36 artigos.

Haveria segundo o artigo 7.—no ministerio do Reino, um livro onde eram registados todos os alvarás e patentes que se concediam—mas por mal dos nossos pecados, não o encontramos, porque ele encontra-se num montão de velha papelada, acomodada numa infecta trapeira de difficil desbravamento.

As taxas por cada anno de privilegio era de 3.200 reis, sendo os alvarás e patentes gratis.

Os privilegiados eram obrigados duas vezes por mês a patentear ao publico os seus inventos, fazendo para isso, o respectivo anuncio na gazeta, com três dias de antecedencia. O governo também era obrigado a fazer exposições de dois em dois anos na capital e outras cidades, dos inventos caducados.

Ao abrigo da nova lei foi concedida a Razão d'Eschange a patente para a fabricação de Asphalto artificial, a 5 de setembro de 1840.

Todos estes serviços corriam pelo ministerio do Reino, mas em 1852 com a criação do novo ministerio das Obras Publicas Comercio e Industria, pelo grande estadista Fontes Pereira de Melo, tudo mudou, porque estes serviços para ali transitaram e pouco a pouco foram entrando no campo do Progresso. A 31 de dezembro do mesmo anno, foi publicado um novo decreto, para suprir as difficuldades da lei de 16 de janeiro de 1837.—Tendo sido nomeado nesta data director geral do Comercio, Agricultura e Manufacturas, o conselheiro Joaquim Larcher. E a primeira patente de invenção em virtude do decreto de 31 de dezembro de 1852, foi deferida a 7 de fevereiro de 1854, por 5 anos a Francisco de Paula Santiago, pelas maquinas de White bread de Preston, que faziam telhas, manilhas e tejos. A publicação

do Código Civil de 22 de março de 1868, veio alterar o decreto de 17 do mesmo mês sobre o mesmo assunto. Depois succederam os Congressos de Viena em 1873, de Paris em 1878 a Conferencia Internacional de 1880, etc.

O Boletim da Propriedade Industrial foi criado em 1881, para em 1896 ser modificado e que trazia como director Joaquim Telo e redactor Oliveira Simões. Este inseria interessante colaboração sobre a materia. O actual obedece ao decreto n.º 269 de 10 de janeiro de 1914.

A convenção foi assinada a 20 de março de 1883 e a 4 de julho eram em Portugal criados os serviços da Propriedade Industrial. Foi no tempo de D. Luiz e era ministro das Obras Publicas Comercio e Industria Hintze Ribeiro.

O Arquivo destes serviços ficaria no Museu Industrial e Commercial. Agentes que tratariam de marcas e patentes eram em numero de seis. A 28 de março de 1895 era publicado o Regulamento destes serviços, a 21 de maio é publicada uma nova lei sobre o mesmo problema, e em 1897 é publicado um volume com a Legislação sobre Propriedade Industrial. Estiveram estes serviços por muitos anos, na antiga secretaria do ministerio do Fomento. Veio o novo regime, ainda varios decretos foram publicados, com o n.º 269, de 1914, que dava já 300.000 marcas registadas.

Quando se constituiu a direcção geral do Comercio e Industria, foi nomeado director geral o conselheiro Silvestre Bernardo Lima, que mandou organizar livros de registos de marcas, em conformidade com a Carta de lei de 4 de julho de 1893 e Regulamento de 23 do mesmo mês.

O livro foi aberto a 26 de outubro e a primeira marca concedida foi a 13 de novembro, pelas 2 horas ao francès Casimiro Due, residente em Lyon, que era representado em Portugal pela firma Viuva Macieira & Filhos. A marca constava de um livro de papel para cigarros chamado Papier Due. A primeira patente de invenção concedida foi a 23 de fevereiro de 1853, por 5 anos e entrou a 27 de novembro de 1852, a requerimento de Gerardo José Braancamp, para fabricar tejos, telhas e manilhas, denominada Ast, a n.º 2 deferida a 16 de março foi concedida a Eduardo Augusto Kopke, por 15 anos, destinada a ferros de engomar; o 1.º registro de nome foi feito a 22 de novembro de 1895 e deferido a 31 de dezembro á Fabrica Sol (Lisboa), propriedade da Companhia Alanca Fabril; no Porto a 1.ª e que corresponde a n.º 10, foi o Bazar da Trindade, de José Julio Alves de Castro, pedido a 22 de novembro de 1895 e deferido a 21 de janeiro de 1896; em Vila Real de Santo Antonio a 1.ª foi a Sebastian Ramirez, a 28 de fevereiro de 1896 e que corresponde ao n.º 39. O 1.º pedido de patente de introdução de nova industria entrou a 6 de outubro de 1892 pelas 11 e meia, feito pela Empresa Vidreira Lisbonense, para o fabrico de louça e utensilios de ferro esmaltado, pelo periodo de 10 anos—esta patente não teve andamento pelo requerente não ter cumprido as formalidades legais, sendo pois a 1.ª a ser concedida no tempo de D. Carlos a Antonio Bracourt filho, francès, residente em Lisboa, destinada a fabricação de ferro coado e de aço, na 1.ª zona mineira, por 10 anos. O privilegio entrou com a caução de 50 contos, e a concessão foi a 8 de fevereiro de 1894, sendo ministro Carlos Lobo de Avila. O modelo n.º 1 entrou na classe 22, pela Associação Protectora da Infancia de Santo Antonio de Lisboa, com sede no Paço da Rainha, e representada pelo presidente da direcção José Joaquim Ferreira Lobo, que apresentou a depositos a 25 de abril de 1895 pelas 2 horas, uma medalha de prata com 16 milímetros de diametro por um e meio de espessura, tendo no verso o busto de Santo Antonio com acucena na mão direita e o menino Jesus sobre a mão esquerda com coroa e mundo e as datas 1185-1895 e no reverso, a Cruz de Cristo e a legenda «Setimo Centenario», destinada a comemorar o 7.º centenario de Santo Antonio, que foi concedida a 20 de setembro de 1895. O 1.º desenho entrado foi a 22 de dezembro de 1894, ás 3 horas por Guilherme Graham J.º e C.º, subdito inglês, co-auctor na rua dos Fanqueiros n.º 7, Lisboa, que constava de 8 desenhos para servirem de applicação a percais ou chitas, impressos em algodão. Foram concedidos a 20 de fevereiro de 1896. Houve reclamação contra 4 desenhos: por J. Ramos & C.º, Joaquim Dias Ferreira, Leitão Sobrinho & C.º, José dos Ramos e Buzaglos & C.º. No livro 1.º de Recom-pensas, em conformidade do artigo 287 e Regulamento de 28 de março de 1895, foram dadas as três primeiras a Manuel Vicente de Jesus & Filhos, farmaceutico, no largo do Rato 46-47; hoje esta numeração já não existe. A 1.ª foi uma medalha de cobre da Exposição Internacional do Porto em 1865, a 2.ª um diploma

de honra da Exposição Universal de Viena de Austria em 1873 e a 3.ª uma medalha de ouro da Exposição Industrial Portuguesa em 1888.

Podiamos ainda alongarmo-nos sobre os Registos Internacionais, mas ficará para as nossas «Memorias do ministerio das Obras Publicas Comercio e Industria».

Como as dependencias destes serviços onde se encontravam eram deficientes pois este organismo era e é uma fonte importantissima de receitas para o Estado, foi resolvido edificar-se um edificio com todas as características de modernismo. E neste sentido começou a construir-se um edificio em 1907, que para a época era moderno. O edificio foi construido numa area de 952 m2, na rua da Alfandega, que ficou com três frentes: rua da Alfandega, Campo das Cebolas e rua Virgilio Machado. Foi o seu architecto, Leonel Gaia, e foi concluido em 1911 tendo sido entregue a 12 de outubro, ao então chefe da Repartição José Maria de Melo de Matos, engenheiro e escritor e que tinha sido director da Revista «A construção moderna».

Foram directores gerais deste importantissimo serviço que na criação do ministerio se chamava Direcção Geral do Comercio Agricultura e Manufacturas: o conselheiro Joaquim Larcher, em 1857 em maio foi nomeado Rodrigo Morais Soares, chefe da Repartição da Agricultura, para nos impedimentos substituir Joaquim Larcher, em 1881 era este director e chefes: da 1.ª secção Francisco Augusto Florido de M. Vasconcelos e da 2.ª, Manuel Inacio da Mota e Silva.

Depois passou a chamar-se Direcção Geral do Comercio e Industria e em 1882 era director geral o conselheiro Silvestre Bernardo Lima, cavaleiro da ordem de Cristo, agronomo, veterinario, lente da Zootecnica, socio da Academia das Ciencias. Era de Alpiarça e faleceu a 10 de setembro de 1893. Reformando-se em 1887, foi nomeado o conselheiro Ernesto Madeira Pinto, que foi secretario geral do ministerio, jornalista e director dos Correios e Telegrafos. Em 1898 era o conselheiro Guilherme Augusto de Barros, a quem os Correios e Telegrafos tudo devem pois foi seu director. Era chefe da repartição da Propriedade Industrial, Joaquim Telo. Em 1899 passou novamente a ser director o conselheiro Madeira Pinto, em 1904 assinava com esta categoria José Simões Ferreira, para em 1911 interinamente ser o engenheiro J. de Oliveira Simões, em 1912 foi nomeado o engenheiro M. Correia de Melo; depois succederam: o general Oliveira Simões, dr. Alvaro Machado, na situação de interino, para em 1931 ser nomeado o licenciado Raul Pena e Silva, que também acumulou com as funções de secretario geral do Ministerio. Como chefe da repartição de Propriedade Industrial encontra-se ha bastantes anos, o engenheiro Artur Quintela Saldanha, também vice-governador do Banco de Angola e official combatente nas guerras de Africa e descendente do grande fidalgo conde de Farrobo, e como chefe de secção o engenheiro e também combatente da Grande Guerra, Almeida Lima, filho do general Almeida Lima, que na Politecnica como professor alcançou a classificação de sábio, e como adjunto o licenciado Durão Ferreira, na situação de inactividade.

Pelo Regulamento de 28 de março de 1895, art.º 276 e 282, foram criados os lugares de agentes de marcas e patentes e seus propostos, sendo nomeado em primeiro lugar: João Antonio da Cunha Ferreira, tendo como propostos Armando Gonçalves Ferreira e Alfredo Artur Mousinho da Silva, tendo caducado tudo pela morte do agente em 1929; Antonio M. Machado da Cruz, também já falecido, teve como propostos: Cunha Saraiva, José Augusto da Cunha Sampaio, Jacinto Falcão Vasconcelos e Luiz Augusto de Freitas; dr. Carlos Manuel de Carvalho Granja, que ainda exerce o cargo, e já tem como propostos: Henrique Augusto Maldonado, Diogo Augusto Damazio, Jacinto Ferreira da Silva e Jaime Ferreira da Costa Afonso Dornelas, em exercicio, que é academico e secretario geral da Academia da Historia; Francisco de Paula Hogan Teves; Manuel de Melo Nunes Gerardo, já falecido, e que teve como propostos: Manuel de Agoa Ferreira, Francisco de Novais da Cunha e Brito Soto Maior e Ataíde e José Gregorio Mascarenhas de Novais Ataíde; engenheiro José Tomaz de Aquino Castro Junior, em exercicio e como proposto: Sebastião Rui da Fonseca; Raul Cesar Ferreira, official da Armada e em exercicio; engenheiro Luiz de Castro e Sola e que teve como proposto o engenheiro José Augusto de Ramos, que passou a ocupar o cargo daquelle, em virtude de Castro e Sola ter sido nomeado director geral das minas; engenheiro José Eduardo Dias Costa, em exercicio e teve como propostos: engenheiro José Augusto de Ramos e Sá e o tenente-coronel José Guerreiro de Oliveira Duarte; engenheiro Carlos Teodoro da Costa e o engenheiro major Mario da Costa França.

Actualmente são 9 agentes em exercicio, e segundo o parecer do grande juriconsulto dr. Abel de Andrade, da Camara Corporativa, sobre Propriedade Industrial, passam a ser em numero de 20, para acabar com todos os particulares que tratam destes assuntos.

ALBINO LAPA

MUSICA

Concerto no Politeama

A «Orquestra Filarmonica de Lisboa» fundada e dirigida pelo dr. Ivo Cruz, não é já um acontecimento fortuito, uma tentativa, uma experiência: é uma realidade, dotada dos melhores requisitos para ser estável, e para preencher de facto a lacuna que há muito se fazia sentir na nossa vida musical.

Estas palavras por forma alguma querem dizer que estavam sem orquestra sinfónica. A magnífica Orquestra da Emissora Nacional, desde o seu ilustre director até ao seu mais modesto colaborador, honra o bom nome das faculdades artísticas portuguesas; e não admito nem por um momento sequer que a existência da «Orquestra Filarmonica de Lisboa» venha prejudicar alguma coisa a «Existência da Orquestra Sinfonica da Emissora Nacional», bem pelo contrario, e muito embora a acção da Orquestra Filarmonica de Lisboa represente um triunfo da força de vontade e do talento organizador do dr. Ivo Cruz. Nós precisamos amplamente de duas orquestras sinfónicas, e se cada uma trabalhar em modalidades diferentes, tanto melhor.

A concorrência tem duas atitudes, uma em que os concorrentes são adversários que se combatem e procuram diminuir-se reciprocamente, outra em que cada um dos concorrentes se esforça apenas por cultivar e tornar produtivas as suas condições artísticas.

A serie de concertos iniciada em dezembro passado pela Orquestra Filarmonica de Lisboa, com um programa em que figurava a IX Sinfonia, graças à colaboração da «Sociedade Coral de Duarte Lobo», prossegue este ano, conforme o plano que foi largamente distribuído. As obras escolhidas para o segundo concerto agora realizado mostram claramente o desejo de ir ao encontro do grande publico, que correspondeu com a sua presença, e o seu entusiasmo. Para muitos, o «1812» de Tchaikovsky representa um inescutível clamor. Fecho deste programa, acredito que fosse ansiosamente aguardado por muitos dos presentes; e a interpretação sobremaneira brilhante do dr. Ivo Cruz e da sua orquestra não ludiu a expectativa. A partitura foi levada com esplendor átimo, esteve sempre presente a sincera, a generosa emoção: o final, com a colaboração magnífica dos metais, foi arrebatador.

Outra pagina celebre em que as largas sonoridades tomam conta do auditorio, sempre bello «Preludio» dos Mestres Cantores, beneficiou das mesmas qualidades de regencia e colaboração; não são só os metais que merecem reparo, é dum modo geral todo o sepro. E quando nos lembramos que a execução de tais obras representava há vinte anos um feito heróico, sempre chegamos a consoladoras conclusões.

Em obras como a «Sinfonia Incompleta» de Schubert, que abriu o programa, e o concerto (n.º 6, em mi bemol) para violino de Mozart, que precedia o «1812», as exigências estéticas, menos evidentes para muitos, não são por isso menores. Pegas dessa natureza são duma dificuldade musical infinita. O 1.º andamento da «Sinfonia», o 1.º e o 2.º andamento do «Concerto» não ficavam prejudicados levados um pouco mais depressa. A preocupação de substituir detalhes pode provocar um certo afrouxamento, que é então necessário combater. No «Concerto», o solista, Francisco Benoit, desde sempre colaborador devotado dos concertos sinfónicos, houve-se com bastante felicidade. Executou no «Um pouco Adagio» as cadencias escritas por Luiz de Freitas Branco, há alguns anos já, se não estamos em erro, em que os recursos do instrumento são largamente aproveitados.

Quivimos ainda uma peça portuguesa dos meados do século passado, «Interludio», de Joaquim Casimiro, interessante documento da época e sobretudo do meio em que foi escrita, e também da psicologia sentimental do autor. O «solo de clarinet» foi primorosamente tocado pelo prof. Duarte Ferreira Pestana.

Conforme o disse há pouco, por outras palavras, esta modalidade de concertos é imprescindível para realizar uma obra de valor social. Assim o entenderam o Ministerio da Educação Nacional, o Secretariado de Propaganda Nacional e o Conselho Nacional de Turismo, que se dignaram patrocinar a «Orquestra Filarmonica de Lisboa».

Quanto ao dr. Ivo Cruz, depois de ter ficado consagrado como director de coros e de orquestra de Camara, acrescenta agora mais provas da mais serena competência como director de orquestra sinfónica, que lhe permitirão tirar do seu empreendimento resultado, de profundo e extenso alcance.

FRANCINE BENOIT

Café Restaurant-TAVARES

(O mais confortável de Portugal)

LAGOSTAS vivas ou cozidas, para fora, pelo 16000. Lanches para casamentos. Grandes e pequenas salas reservadas. Serviços de banquetes diplomaticos para fora. T. 21112.

TEMAS DO NOSSO TEMPO

O desemprego do espírito

Agora que se procura resolver o problema do analfabetismo, seria também interessante tratar dessa talanque enorme dos semi-analfabetos, isto é, de todos aqueles que tendo aprendido a ler, escrever e contar, não mais gymnasticaram o cerebro—deixando de se interessar pelo livro.

Esquecidos ou mal lembrados de tudo o que aprenderam, estes individuos voltaram á categoria de quasi analfabetos. Lendo mal e aprendendo pior, digerem e assimilam os assuntos seguindo as inclinações do caracter, ficando assim, inteiramente, á mercê dos proprios instintos, portanto, inuteis ou prejudiciais.

Em nossa opiniao, a escola, nos seus moldes actuais, não é a unica responsavel pelo facto do problema do analfabetismo não estar ainda resolvido, nem tão pouco culpada da elevada percentagem dos semi-analfabetos.

O meio ambiente, onde estes espiritos continuam a viver numa preguiça e numa indiferença perigosa contribui de uma maneira evidente para este resultado desastroso, porque a estes pobres «reduzidos» só chega o eco de todas as leis e de todas as idéas já deformadas quasi sempre por intenções malevolas e interesses criminosos.

Quantas vezes nas classes trabalhadoras a inercia, o desemprego do espirito os empurra para a taberna e da taberna para o crime?

Para resolver o problema do analfabetismo impõe-se a obrigatoriedade do ensino, fizeram-se multiphas reformas: os resultados, porém, estão longe de conduzir a uma solução perfeita.

As almas obscurecidas, as almas emparedadas dentro do restrito ambiente do seu reduzido meio, continuam a formar uma legião assustadoramente perigosa: a legião dos desempregados espirituais.

Em vista da inefficacia dos meios até agora empregados porque não se acaba com a rotina?

Porque não se escrevem livros que interessem e sirvam a cada meio? E porque não se cuida ainda mais da literatura infantil? Porque não se dá ás crianças em vez dos compendios maqudos adoptados nas escolas, cuja leitura os entedia e as leva a abominar o livro, uma literatura onde a sua curiosidade se estimule e o seu espirito se recreie?

Arrancar-se-lham assim, milhares de espiritos a uma inercia pernicioso, conduzindo-os pelo prazer da leitura á necessidade de uma cultura maior.

Não seria tempo, também, de tratar do mercado do livro, ampliando-o, dando-lhe facilidades—não deixando deprimir os escritores com todas as mil dificuldades com que hoje lutam?

E porque não se estabelecem prémios e subsídios aos escritores e editores que se dediquem a este genero de literatura?

Duma maneira geral, os escritores, apenas se interessam pelos espiritos cultos, por aqueles que os podem julgar e apreciar. E, entretanto, como se precisa ter talento e arte para se escrever e fazer compreender pelos espiritos ainda obscurecidos? Sobre-tudo, como será difficil acender-lhes a curiosidade para o sentido são e nobre de uma hygiene moral e de uma bondade consciente que eles desconhecem, conquistando-os ao meio embrutecido onde se afundam e se perdem?

E logico admitir que se a nossa actividade social, comercial, industrial, rural, etc., se tivessem desenvolvido ao ponto de exigir dos individuos uma maior cultura, já não existissem tantas dificuldades e concertezza que a lei da obrigatoriedade do ensino não se leia letra morta—podia até, deixar de existir. Mas, infelizmente, ou porque os Governos se tenham encontrado sem recursos ou por indiferença, quando quaisquer empresas têm que fugir á rotina, subir mais alto no sentido de dar aos seus operarios comodidades higienicas e morais acima do habitual, têm-se visto isoladas, sem auxilio nem apoio, lutando com varias correntes de obstáculos e, ou morrem ou continuam lutando heroicamente.

Tem-se partido do principio errado de que a escola pode e deve ensinar tudo, quando a escola tem apenas uma funcao iniciadora: preparar os espiritos de modo que acesse a primeira centella eles possam iluminar-se totalmente.

Julgamos a missão da escola semelhante á dos lavradores: preparar os terrenos incultos para que a semente lançada á terra frutifique e renda.

Mas, assim como no campo o agricultor não pode semear em qualquer época, esquecer-se da influencia do tempo, assim também não devemos esquecer o papel que o «clima» social desempenha no desenvolvimento da cultura do espirito.

O estado quasi estacionario do analfabetismo nestes ultimos cinquenta anos—as estatísticas dão uma deminuição de 25%—mostra-nos que não foi sómente a carencia de escolas, pois o seu numero aumentou consideravelmente, que nos conduziu a este resultado mas principalmente o mau ambiente em que vivemos durante esse periodo.

A anarquia, as revoluções e a guerra não podem deixar de ter uma influencia nefasta no progresso da cultura espiritual. A cada um desses periodos de destruição e morticínio segue-se um longo periodo estatico, indiferente, quando se não dá—o que acontece muitas vezes—um pontapé na civilização e se recua para uma época de paganismo e ideologias perversas, imorais.

As grandes conflagrações deixam os espiritos embrutecidos ou minados por uma febre de exigências desordenadas.

E na tranquilidade e na paz que os espiritos se formam conscientes e responsáveis.

JUDITH TEIXEIRA

«LEÇÃO PORTUGUESA»

No quartel dos Marinheiros haverá, domingo proximo, ás 9 horas, instrução para o 4.º «terço» da Brigada Naval, 1.ª e 2.ª escola e todos os legionarios sem formação.

A mesma hora haverá, na Carreira de Tiro, em Pedrouços, instrução para a 3.ª «lança» do 1.º «terço». As 8 e 30, na do 2.º dos Submersiveis, para a 1.ª «lança» do 2.º «terço».

A fim de tomarem parte numa guarda de honra, devem comparecer no quartel de Marinheiros, em Alentejo, ás 8 horas, o terço de tambores e clarins, 2.º e 4.ª «lança» do 1.º e 3.º «terço».

CONFERENCIAS

No Liceu de Pedro Nunes realiza-se amanhã, ás 17 horas, uma conferencia pedagogica sobre «Hygiene das Matematicas no ensino liceal».

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. João, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 7200

DEPOIS DO CENTENARIO

Sempre Coimbra

Coimbra está na moda.

Depois do esplendoroso centenario da Rainha Santa, de larga e notavel repercussão no pais; a seguir a deslumbrantes festejos da Queima das Fitas; seguindo-se á notavel exposicao de Artes Coimbrãs em Lisboa, realizou-se o centenario da instalação da Universidade, comemoração dum facto de alto interesse nacional, de imponentes cerimoniaes na rainha do Mondego.

Mas eis que se esboça agora um novo movimento de interesse para a Lusa-Atenas: a organização dos «Fans».

Falar dos «Fans» á gente de Coimbra é tarefa quasi inutil, porque toda a gente tem obrigação de saber, e sabe, decerto, que os «Fans» são uma instituição meramente academica, destinada a fazer reviver e ressurgir as antigas e belas tradições estudantis da cidade universitaria e a dar apoio incondicional ás organizações desportivas da academia de Coimbra.

Dizem-me que os «Fans» já conseguiram autorização para que se possam realizar as afamadas «serenatas», sem que as autoridades ponham obstáculos, desde que sejam serenatas e não arruaças, desde que sejam manifestações de arte musical e não de sonora, mas inharmonica agitação.

Outros assumtos, de valorização da academia de Coimbra, terão os «Fans» entre mãos e procurarão dar realce e prestigio á veneranda Academia, fazendo ressurgir o culto das suas tradições belas, elegantes e senhoriaes, renovando em sentido de espiritual beleza os antigos habitos e costumes que deram renome, autoridade e celebridade aos estudantes de Coimbra.

Mas isso não basta.

Bem está a obra dos «Fans» em Coimbra, onde vive e floresce a Academia...

Mas... e fora da Lusa-Atenas?

Nestas cidades universitarias de Lisboa e Porto, onde outros costumes de Academias que procuram criar tradições se reflectem na vida social, como que abafando os costumes coimbricenses?

Nestas cidades universitarias a fama e o renome da Academia de Coimbra estarão destinados ao esquecimento, que abrangerá, a pouco e pouco, os antigos estudantes da Lusa-Atenas, perdido o contacto com a Alma-Mater, e integrados no ambiente escolar lisboeta e portuense?

Não!

A Universidade de Coimbra tem que ser, sempre, a gloriosa Universidade de Coimbra; e, entre os seus antigos alunos, ora residentes na capital, esboça-se, com intensidade, um movimento construtivo, destinado á formação duma delegação local dos «Fans».

Para isso, esses antigos estudantes que olham Coimbra com reconhecimento e saudade, agrupam-se, interessados e entusiasmados, em redor do delegado dos «Fans» em Lisboa, o nosso amigo Carminé Nobre, espirito inteligente, activo e empreendedor, que á causa academica coimbricense dedicou já grande parte da sua actividade bem dirigida e da sua intelligencia criteriosa.

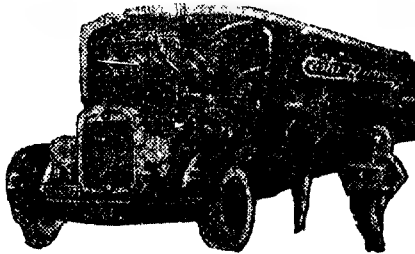
Em breves dias se deverão reunir esses «rapazes»—alguns de quarenta anos!—com a finalidade de se inaugurar, solenemente, a delegação dos «Fans» de Coimbra, e, de seguida, se dar começo á finalidade da organização, criando, em Lisboa, um ambiente que recorde a tradicional Coimbra das serenatas e do Choupal, a Coimbra boémia e romantica, cantada desde Camões a Silva Gaió, celebrada como cenário novelesco desde Herculano até Fernando Correia e Manuel Ribeiro, sem falar nos autores de livros de memorias academicas, desde Trindade Coelho e Pad-Ze, até Carminé Nobre, e, sem falar, mesmo, nesse consagrado que é o Povo e que, em quadras e lendas eternisa a Colina Sagrada de Portugal.

Fazemos votos para que a obra dos «Fans» se organize em Lisboa, com prospero exito.

F. M.

CAFÉ MARTINHO DA ARCADEA

Fsmerado serviço de almoços e lanches



Que indica o seu horoscopo?

Encargue o professor SAHIBOL LAKAJAT de lhe dizer gratuitamente.



Deseja V. Ex. conhecer o seu porvir tal como as estrelas o indicam? Quere V. Ex. saber se o seu futuro será prospero, como decorrerá a sua vida, tudo quanto raspeito ao matrimonio, amor, jogo, honra, os seus numeros de sorte, os maus e bons tempos, enfim todas as informacoes possiveis, que lhe serão de uma utilidade incontestavel?

Todas essas particularidades lhe serão indicadas, absolutamente gratis, pelo PROFESSOR SAHIBOL LAKAJAT. As suas profecias e conselhos já proporcionaram a milhares de pessoas a felicidade e o bem estar. Se alguma duvida do talento deste professor faça a experiencia e ela convencê-lo-a. Querendo utilizar-se desta ciencia maravilhosa, mande hoje mesmo o seu nome e endereço, bem como a data do seu nascimento, sexo e estado, e junte uma madeixa dos seus cabelos. V. Ex. receberá um horoscopo INTEIRAMENTE GRATUITO. Pode-se juntar estampilha para a resposta. Uma carta para Holanda necessita uma estampilha de 1\$75.

Direção:
PROFESSOR SAHIBOL LAKAJAT
Dept. 403. Postbox, 72 Prinsestra at,
2 Den Haag-Holanda.

Leilão

HOJE, às 21 horas
ANTIGUIDADES

Móveis — Quadros — Tecidos — Lustres — Porcelanas orientais e europeas nos salões de venda da

CASA LIQUIDADORA

LEIRIA & NASCIMENTO, L.DA
RUA DO ALECRIM, 70
TELEF. 29498

Recebem-se desde já, nas novas instalações, lotes tanto para os leilões especiais de antiguidades como para os leilões que se realizam às terças, quintas e sábados

GRANDE PREDIO

de esplendida e luxuosa construção muito bem situado, 13 incluídos, dando um juro liquido de 8,5 %. Vende-se por 750 contos. Sisa 1 %. Isento até 1940. Trata Mendonça, Lda. — Rossio, 74, 1.º, D.

HERDADE

Vende-se no Ribatejo, com esplendidas terras de sementeira, banhada pelo rio Tejo. Preço 400 contos. Trata Mendonça Lda. — Rossio, 74, 1.º, D.

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA — Telef. 21059

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



D. Ermelinda Monteiro de Sampaio Baptista

FALECEU

Alberto de Sampaio Baptista, filhos, nora, genros, netos e familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida e extremosa esposa, mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realizou terça-feira, da Igreja do Coração de Jesus, para o Cemiterio de Agramonte, no Porto, não se tendo feito participações por expressa determinação da finada.

A menina Maria é supersticiosa

Ela afirma que
um espirro significa desgosto
dois espirros significam alegria
tres espirros significam novidade.

E você?

Você pensa como eu, que com os espirros se espalham bacterias causadoras de contágios e que é tempo de tomar pastilhas de Panflavina.

As pastilhas de

Panflavina



evitam os contagios, as inflamações de garganta e as constipações.

A caixa de 30 pastilhas vende-se em qualquer farmacia por Esc. 13\$00



Não mate!!!

Defenda-se com uma pistola

E. M. G. E.

A unica pistola de alarme que se confunde com a verdadeira. De absoluta confiança e a mais barata. Isenta de todas as licenças. Chegou nova remessa. Desconto aos revendedores.

Pedidos a

CASA A. M. SILVA

RUA BETESGA, 67

Telefone 25474

Lisboa

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Banco Lisboa & Açores

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
CAPITAL ESC. 10.000.000\$00

Sede: Rua Aurea, 88 — LISBOA

Convoco a Assembléa Geral Ordinaria deste Banco a reunir no dia 5 de Fevereiro do corrente ano, pelas 14 1/2 horas, na sua Sede, (Rua Aurea, 88), para: Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do exercicio de 1937, o Relatório e parecer do Conselho Fiscal e mais documentos a que se refere o Art.º 189.º do Código Commercial.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1938

O Presidente da Meza da Assembléa Geral

Dr. Carlos Ferreira Pires

POLICLINICA DO INTERMEDIO

Avenida Almirante Reis, 27, 2.º, — LISBOA — Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES — Ouvidos, nariz e garganta.	A's 11 h.
DR. ADELINO COSTA — Cirurgia geral. Operações.	A's 14 h.
DR. ALMEIDA DIAS — Doenças nervosas. Electroterapia.	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES — Doenças dos olhos.	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES — Rins e vias urinarias.	A's 13 h.
DR. ARMANDO VALLE — Análises clinicas, vacinas.	A's 11 h.
DR. ARTUR PAQUECO — Doenças da pele e sífilis.	A's 17 h.
DR. BERNARD GUEDES — Raios X.	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE — Assistente livre da Faculdade de Medicina e interino dos Hospitais — Doenças das crianças.	A's 17 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO — Medicina Geral.	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUZES — Mecanoterapia, massagem, raios ultra-violetas, gymnastica médica, diatermia, etc.	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS — Doenças da boca e dentes.	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA — Clinica geral, estomago e intestinos.	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA — Partos. Doenças das Senhoras.	A's 15 h.
DR. VASCO DE LAZERDA — Clinica medica, coração, pulmões.	A's 16 h.

Automobilistas — T. S. F.

Philco — Delco — Motorola — Philips

Os melhores auto-rádios do mundo — Equipam de fabrica todos os automoveis americanos e europeus. Montagens como as de fabrica (sem supressoras) — Quadrantes e antenas para cada tipo de carro — Reparações rapidas por pessoal especializado — Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)
Telef. 42789



PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA

Laboriosas experiencias deram a este produto a finura e pureza, o aroma e as benéficas qualidades que tornaram esta PASTA o preparado indispensavel para as pessoas de pele sensível, secca e delicada. Substituindo com vantagem os melhores sabonetes, a sua espuma finissima preserva a pele do cleiro, manchas, sardas e irritações. Refresca, branqueia e assetina, dando à epiderme uma transparência e um aveludado que a fez impor-se na série dos produtos RAINHA DA HUNGRIA, pela excelência dos seus resultados.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
TELEF. 21866 — AV. DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

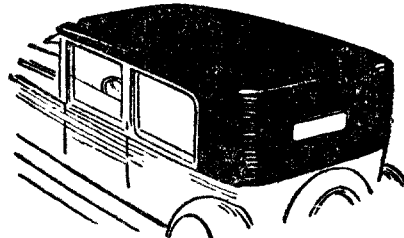


Flores de Caravelos

Quinta dos Lombos
CARCAVELOS

Roseiras fruteiras arvoredas florestais, plantas de sala, etc. Constroem-se e transformam-se jardins e pomares.

Catalogo grátis



**O MELHOR MATERIAL,
MANUFACTURADO
PELOS FABRICANTES DO**



para estofos, capotas e
decorações.

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

O QUE REVELA A ASTROLOGIA

O nascimento de Camões

27 de Janeiro de 1522

Eis aqui um trabalho de grande prazer mental: não é o casual encontro duma data, mas a revelação dum sistema astrológico dentro da obra de Camões, mostrando uma faceta predominante do Poeta, e da época em que viveu, e com ele a solução do caso na actualidade, revertendo-o á astronomia, e convertendo-o em números.

As líricas de Camões são as suas próprias «memórias», e tão fiéis quanto um grande poeta não carece de torcer conceitos por obediência a ritmos, a rimas, e a outras delicadezas de estilo:

Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas...

Assim termina a astrológica canção «Vinde cá».

A crítica inconsideradamente toma na conta de hipérboles literárias o que são nitidas alusões a factos reais. E estão nesse caso as alusões estrológicas.

Da desconfiança do justo crédito que lhe negariam nessa matéria, escreveu:

Que eu bem sei que o que canto
Há de achar menos crédito que espanto...
(canção «Manda-me Amor»)

A astrologia imperava, e Camões era dela um devoto, e até mesmo um astrólogo. Achou que a sua vida se desenrolava com exactidão dentro desses prognósticos, lidos antes da sua partida para a Índia. Toda a gente tinha, então, a curiosidade astrológica que a religião tolerava e as Ordenações do Reino reconheciam. Com efeito, condenavam, estas, todos os adivinhões do futuro mas resalvavam os astrólogos: «Porém isto não haverá lugar nas pessoas que, vendo primeiro as ascensões das pessoas, disseram alguma cousa, segundo seu Juízo e regra da dita ciência» (Orden. tit. III, L.º V). Toda a gente de boa posição social mandava ler o seu nascimento. Os reis não se metiam em qualquer empresa sem consultarem a vantagem, ou desvantagem, da «hora» («horóscopo»: «inspecção da hora»). Mas os exemplos apontados eram o mais corrente argumento a favor da astrologia judiciária. Assim, se consideravam os astros interpretes das vontades regulares de Deus, ou, «Segundas causas» dos destinos; e eram bons ou máos.

Ensina-o a profética ciência
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, enquanto podem, nos empecem,
(Lus. c. X, 83)

Os principais astros a influir, segundo os astrólogos, são as constelações do zodiaco, ou melhor, os «signos», e os planetas do nosso sistema solar, então chamados, indistintamente, «estrelas» ou «planetas». Estes eram, ao todo, sete, entrando nesse numero os dois «luminares» Sol e Lua. Camões relaciona-os, (Lus. c. X, 89).

Entre os planetas, que intervêm no nascimento dalguem, um deles é o principal determinante, e chama-se a «sua Fortuna» ou a «sua Estrela». Ela a governa pela vida fora, e, logo, tam-

bem s. diz a sua Governanta ou «Ama».

Qualquer dos sete planetas pode ser «Fortuna», mas Saturno e Marte são, por excelência, «Infortunados».

«SATURNO, Estrela de Nascimento, de Camões». Estrelas Infelizes o fadaram:

Quando vim da materna sepultura,
De novo, ao mundo, logo me fizeram
Estrelas Infelizes, obrigado...

De seguida, mostra como o planeta Venus tomava a dianteira ao conjunto Estrelas Infelizes, surgindo antes de todas as outras no horizonte Oriental.

Saturno, o mais temível de todos os planetas, chamado pelos astrólogos Infortuna Maior, regia o conjunto infeliz por se encontrar dentro do signo da sua dignificação máxima, o Aquário. Por ser o mais «dignificado», ou fortificado, do conjunto, foi a Estrela do Nascimento do Poeta. Saturno é o

pai do tempo e, portanto, gera a «instabilidade» na vida, como é também o negador da vida e ministrador da tristeza. Aí de quem nasce sob a sua influencia! Pois foi a «Fortuna», ou «Estrela» de Camões.

Se a Fortuna Inquieta e mal olhada
Que a justa lei do Céu consigo infama,
Se a vida quieta, que ela mais desama...

É um soneto. Porque rege as variações do tempo, é a «Fortuna Inquieta». Porque, sendo «deus», ia contra a lei natural, devorando os proprios filhos, «infama a justa lei do Céu». (Na égloga «Ao longo do sereno Tejo» na fala de Agrário, refere-se explicitamente a Saturno, nesses mesmos termos de infamador da Lei do Céu). Porque lança mão-olhado sobre o recém-nascido e malicia os planetas que com ele se conjugam, é «mal olhada».

Fortuna, minha, foi cruel e dura
Aquele que causou meu perdimento
Com a qual ninguém pode ter cautela.

Nem se engane nenhuma criatura
Que não pode nenhum impedimento
Fugir o que lhe ordene sua Estrela.

(Soneto «Doce contentamento»)

Saturno induz tristesa, aparta da alegria:

Chamo dura e cruel a dura Estrela
Que me aparta de vós, minha alegria...

Foi a sua «ama» astrológica, e, ainda na canção «Vinde cá» o confirma:

Foi minha Ama uma fera, que o Destino
Não quiz que melhor fosse a que tivesse
Tal nome para mim; nem a haveria.
Assim criado fui, por que bebesse
O veneno amoroso...

«Veneno amoroso» chama a toda a tristesa.

Que não pode no Mundo haver tristesa
Em cuja causa Amor não tenha parte...

(Égloga «Que grande variedade»)

Na geração que nos precedeu discutiu-se muito o sentido do verso «Foi minha Ama uma fera» para se chegar á conclusão de tratar-se duma alimária que aleitou o Poeta e o dr. Stork lembrou a «mansa ovelha», á maneira de Petrarca. Mas a verdade é que Camões faz da ferocidade autentica da fera um simbolo de crueldade.

Sendo uma «fera» no sentido terreno, não podia ser senão uma vaca brava, cujo leite então muito se usava no classico Ribatejo, de Povos e Vila Franca.

Estabulavam-se as vacas; não deve desconhecer-se esse facto. Todavia, o sentido do verso é astrológico.

A condição primária para que Saturno fosse Estrela do Nascimento era estar, ao tempo, nos signos da sua dignificação, ou seja, fortificação, os quais são Capricórnio e Aquário, e ainda, com menor força, em Balança. Estava, pois, Saturno num desses signos zodiacais quando o Poeta nascia,—o que já limita muito.

«SOL e MARTE logrados». Lograda a luz dum planeta é estar «combusto» ou em conjunção com outro planeta, malefico: Saturno ou Marte. Como Marte simultaneamente com o Sol, estavam de luzes logrados, para Camões,—se entende que Marte e Sol estavam em conjunção com Saturno.

Em astrologia o Sol gera a riqueza, a força, e a inspiração dos Poetas. Rege a lira; é o pai das nove Musas ou Camaras. Da «Elegia da Paixão»:

O' pai das nove Irmãs, senhor da Fonte
A quem as ondas cedem, do Leteu...

Refere-se á Fonte de Castalia, donde os poetas bebiam a inspiração. Os gregos chamavam ao Sol—Apolo. Diz o Poeta:

Apolo, e as nove Musas, descantando,
Com a dourada lira me influam...

Recebeu, simultaneamente influencia de Marte e Sol, ambos logrados, em Saturno.

Da dupla influência escreveu, num soneto em louvôr do seu amigo Estacio

(Ver continuação na 2.ª pagina)



Jacques de Lacretelle

O nascimento de Camões

(Continuação da 1.ª pagina)

favorecido de «Marte» e da «Camena», isto é, de Marte e do Sol:

Eu, que a pena tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licenças tenho
Desta alta influência de dois Planetas,
Com uma e outra luz, deles, lograda...

A égloga «Arde por Galathea» é o tema da pobreza material do Poeta e da sua grande riqueza espiritual, os seus versos—que são as «asas do Amor»: São estas que, a-pesar de aridas em Saturno (Sol em conjunção com Saturno) oferece á sua amada D. Caterina de Ataíde, mais tarde mulher de D. Pedro de Noronha Senhor de Vila Verde dos Francos. Na égloga o pescador «Serenio», o Nocturno, é o proprio Poeta:

Arde por Galathea, branca e loura,
Serenio, pescador pobre, forçado
Duma Estrela que quere á mingua mórta...

Saturno fez a sua indigencia, mas oferece á amada os seus versos, as asas do Amor:

Se muito te parece, e minha Estrela
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as asas do Amor perdidas nela...

Sol perdido em Saturno, isto é, conjugado com ele,—como com ele estava Marte conjugado. E' já o suficiente para determinar uma data. Mas nós queremos confirmação, e a minucia da hora.

«VENUS, Estrela da Manhã». Este planeta rege as afeições, os amores, e foi notavel no horoscopo de Camões. Estava na casa oriental. O Poeta refere-se-lhe inúmeras vezes sob o nome do seu attributo, o «Amor», ou «Menino Cego». Nasceu sob a sua influência. Dito o soneto.

Los que bivi subjectos á la Estrela
de Venus, cujo hijo Amor se llama...

As Estrelas Infelizes ordenaram que Venus se adiantasse no horizonte e ferisse o Poeta logo ao nascer, predestinando-a a uma intensa vida amorosa:

E, para que o tormento conformedo
Me dessem co'a idade, quando abrisse
Inda menino, os olhos, brandamente,
Mandam que diligente
Um menino sem olhos me ferisse.

«Diligente», com efeito, pois que era Estrela da Manhã e nascia no momento do nascimento do Poeta.

O mesmo conceito está melhor gravado na ode «Aquele Moço fero» (o Amor):

Pois logo, quem, culpado
Será, se de pequeno oferecido
Foi todo a seu cuidado,
No berço instituido
A não poder deixar de ser ferido?
Quem, logo, fraco infante,
D'outro mais poderoso foi sujeito,
E, para cego amante
Desde o principio feito
Com lagrimas banhando o tenro peito?

Escreveu esta ode por ocasião dos seus amores por Barbara, a cativa. Segue:

Se agora foi ferido
Da penetrante ponta e força d'erva,
E se Amor é servido
Que sirva a linda serva...
Para quem minha Estrela me reserva?...

No soneto «Está o Pascivo e dóce...» lembra o tempo em que andava livre de amores, todavia...

Destarte o coração que livre estava,
Posto que, já de longe destinado...

LUA NOVA. A lua induz renuncia, poesia, contemplação, e, sobretudo, inconstancia na vida. O Poeta queixou-se do lugar predominante que ela tomou no seu nascimento. Falando da «Fortuna» (Saturno) e do «Amor» (Venus), comenta:

Nela e nele achei sempre a mesma Lua
Em quem nunca se viu outra firmesa
Que não seja a de ser sempre mudavel.
(soneto «Vi queixosos de Amor»)

A pior posição da Lua é a sua conjunção com o Sol, isto é, quando é Lua Nova. Determina o «genio», ou perigos de morte e doenças graves! O eclipse é um caso particular da conjunção.

Na ode á Lua, «Deitem um pouco, Musa» faz-lhe queixas; acrescenta:

Palavras de Maupassant acêrca do Romance

traduzidas por José Osorio de Oliveira

Eu não sou o unico a quem a mesma accusação tem sido dirigida pelos mesmos criticos, cada vez que sai um novo livro.

No meio de frases elogiosas, encontro normalmente esta, com as mesmas firmas:

—O maior defeito desta obra é que não é um romance propriamente dito.

Poder-se-ia responder com o mesmo argumento:

—O maior defeito do escritor que me dá a honra de me julgar, é que não é um critico.

Quais são, com efeito, as características essenciais do critico?

E' preciso que, sem ter tomado partido, sem opiniões preconcebidas, sem idéas de escola, sem ligações com qualquer familia de artistas, o critico compreenda, distinga e explique as tendencias mais opostas, os temperamentos mais contrarios, e admita as tentativas de arte mais diversas.

Ora o critico que, depois da *Manon Lescaut*, do *Paulo e Virginia*, do *Don Quixote*, das *Ligações perigosas*, do *Werther*, das *Afinidades electivas*, de *Clarisse Harlowe*, do *Emilio*, do *Candido*, do *Cing-Mars*, do *René*, de *Os três Mosqueteiros*, de *Mauprat*, do *Père Goriot*, da *Cousine Bette*, da *Colomba*, de *Le Rouge et le Noir*, da *Mademoiselle de Maupin*, da *Nossa Senhora de Paris*, da *Salambô*, da *Madame Bovary*, do *Adolfo*, do *Senhor de Camors*, da *Taberna*, da *Safo*, etc., ousa ainda escrever: «Isto é um romance; aquillo não é um romance», parece-me detido duma perspicacia que se assemelha muito á incompetencia.

Em regra geral esse critico entende por romance uma aventura mais ou menos verosimil, arranjada á maneira duma peça de teatro em três actos, o primeiro dos quais contem a exposição, o segundo a acção e o terceiro o desenlace.

Esta maneira de compôr é absolutamente admissivel com a condição que se aceite igualmente todas as outras.

Existem, por acaso, regras para fazer um romance, sem as quais uma historia escrita deve ter outro nome?

Se o *Don Quixote* é um romance, *Le Rouge et le Noir* tambem o é? Se o *Conde de Monte-Cristo* é um romance, tambem o será a *Taberna*? Pode estabelecer-se qualquer comparação entre as *Afinidades electivas* de Goethe, *Os três Mosqueteiros* de Dumas, a *Madame Bovary* de Flaubert, o *Senhor de Camors* de Octave Feuillet e o *Germinal* de Zola? Qual destas obras é romance? Quais são as famosas regras? De onde provêm? Quem as estabeleceu? Em virtude de que principio, de que autoridade e de que raciocinios?

No entanto, esses criticos, segundo parece, sabem, de maneira segura e indiscutivel, o que constitui um romance e o que o distingue de outro que o não é. Isso significa, simplesmente, que, sem serem produtores, estão arregimentados numa escola, e rejeitam, á maneira dos proprios romancistas, todas as obras concebidas e executadas fora da sua estetica.

Um critico inteligente devia, pelo contrario, buscar o que menos se assemelha aos romances já feitos, e levar, quanto possivel, os novos, a tentar novos caminhos.

Todos os escritores, tanto Vitor Hugo como Zola, reclamaram persistentemente o direito absoluto—direito indiscutivel—de compôr, quer dizer, de imaginar ou observar, segundo a sua concepção pessoal da arte. O talento provem da originalidade, que é uma maneira especial de pensar, de ver, de compreender e de julgar. Ora o critico que pretende definir o Romance segundo a idéa que forma pelos romances que ama, e tenta estabelecer certas regras invariaveis de composição, lutar-se sempre contra um temperamento de artista que traga uma nova maneira. Um critico, absolutamente merecedor desse nome, não devia ser mais do que um analista sem tendencias, sem preferencias, sem paixões, e, como uma autoridade em pintura, não apreciar senão o valor artistico do objecto de arte que se lhe submete. A sua compreensão, aberta a todas as cousas, deve absorver, tão completamente quanto for possivel, a sua personalidade, para que ele possa descobrir e louvar os proprios livros que não ama como homem mas que deve compreender como juiz.

Triste de mim! Que alcanço por queixar-me,
Pois minhas queixas digo
A quem, já, ergueu a mão para matar-me
Como a cruel inimigo?

Erguera a mão para o matar, pois a Lua se ergue em Lua-Nova, e decal 28 dias após. Venus feria o Poeta no dia dessa nova Lua: deixou, portanto, a sua impressão no Amor.

Estava, então, a Lua em conjunção com o Sol, Saturno e Marte... caso singular nos annos do Céu!

Da Lua Nova, diz (dia 27 de Janeiro):

Chamo dura e cruel, a dura Estrela,
Que me aparta de vós, minha alegria,
Mil vezes maldizendo a Lua e o dia
Que foi duro principio a tal querela...
(Soneto «Ausente dessa vista»)

Que ela é a vida.

Estava Venus na casa do Ascendente, e os planetas conjugados na II casa abaixo do horizonte, casa terrivel... Daqui se anunciavam ruínas, insucessos financeiros, perigos de feridas graves, fermentos na vista (Sol com Saturno), perda de patrimonio, grandes imisades, lutas fatais, genio, poesia, longas viagens, etc., etc.

E vendo ele tamanha exactidão, acabou por convencer-se, se o não estava, já:

Mas minha Estrela que eu já agora intendo,
A morte cega e o caso duvidoso,
Me fizeram de gostos haver medo...

Parece que os astrólogos annunciavam, para esse mesmo dia, um diluvio assombroso pela junção de varios planetas, em Aquario, e esta deve ser a

tradição deslocada para 1524, 4 de Fevereiro,—quando foi em 27 de Janeiro de 1522. Dois sonetos do Poeta o confirmam. Um, em que lamenta o «Aquário» não ter sido mais chuvoso, isto é, não tivesse havido o tal diluvio; e que, então, lhe apagasse o fogo da vida, libertando-o de Saturno:

Si el fuego que me enciende, consumido
De algun mas suelto Aquario ser pudiese...

E logo:

Nunca poderia la Fortuna airarla,
Com todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria...

E o outro soneto «O dia em que eu nasci», cujos tercetos são:

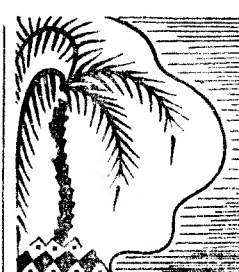
As pessoas, pasmadas, de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a cor perdida,
Julguem que o mundo já se destruiu...

O' gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada, que jámais se viu...

—Que grande rumor seria, o que se ouviu então?... «Si un horrible rumor siendo sentido...».

(No proximo numero deste mesmo suplemento literario, segue a consulta do autor ao sabio director do Observatorio Astronómico de Lisboa, Ex.^{ma} Sr. dr. Manuel Peres, seguida da resposta de sua Ex.^a com a indicação do dia e hora em que ta isaspectos succederam no Céu, e que é adata de nascimento de Camões a qual, já sabemos é o 27 de Janeiro de 1522, cinco horas da madrugada).

MARIO SAA



Todas as idéas de Marinetti, criador do «futurismo», e amigo de Gabrielle D'Annunzio e de Mussolini, são expressas em manifestos. Um manifesto de Marinetti é sempre uma «bomba» literaria. Explode em mil fragmentos, vitimando conceitos e preconceitos. A's vezes, porém, são inoffensivas. Fogo de vistas para entreter viva e actuante uma publicidade que precisa de agentes fortes para martelar as imaginações. O ultimo documento literario de Marinetti tem, por objectivo, eliminar da lingua italiana todos os vocabulos estrangeiros. Alguns deles tornaram-se verdadeiramente irritantes para o fundador do futurismo que, pelo visto, se declara agora um classico sem macula. São eles: «bar», «chico», e, sobretudo, «sex appeal». Marinetti quere tambem abolir «bridge» que, segundo ele, desfeia e deforma o individuo. E' claro que, neste renascimento da lingua italiana, as palavras que Marinetti mais odeia são precisamente as inglesas. E' mais benigno para as francesas, que não o ameaçam tanto no seu Mediterraneo literario. Um cronista francês, escrevendo sobre o assunto, recorda que Marinetti passa todos os anos dois meses em Paris. Gosta do seu clima literario. No entanto, uma noite, depois da estreia da sua peça «Le roi Bombace», que o publico pateou, o curioso italiano propôs aos seus amigos, espantados, incendiar o Louvre. Tratava-se duma dor de cabeça, que lhe passou no dia seguinte.

A «blague», porém, ficou na historia.



Em Paris, quando na redacção dum jornal, ou no gabinete dum escritor, se conta uma anedota, já se sabe que é de Tristan Bernard. E' o melhor rotulo de ironia. Por vezes, o brilhante escritor não disse uma palavra sobre o caso—mas, como sempre, a lenda é maior do que a historia. A ironia cruel de Rip, acida e populaceira, o comentario elegante de Tristan Bernard, tão esfusante, como efusivo. E vamos á anedota. Bernard procura Luiz Jouvet. A escada que leva ao gabinete tem um degrau «enfermo», que range, cavaamente.

O grande artista previne do seu escritorio: —Atenção! Olha que ha um degrau que não está muito «catolico».

—Eu tambem não sou!—responde Tristan Bernard, cofiando as suas barbas talmudicas.



Livros recebidos: Da Editora Educação Nacional, do Porto: «Doutor Oliveira Salazar», «o seu tempo e a sua obra», pelo sr. tenente Gonçalves de Andrade, Obra de doutrinação, com numerosos «hors-textes» e da mesma livraria, na «Coleção para todos»: «As meninas exemplares», da condessa de Segur, tradução de M. Camilo dos Santos, e «Memorias dum burro», tambem daquela illustre escritora francesa, em tradução de José Sarmento.



O sr. dr. Fernando de Castro Pires de Lima reuniu agora em volume, sob o titulo «Na linha de Fogo», os seus discursos e conferencias, que focam varios aspectos da vida portuguesa. Trata-se duma obra animada de viva sinceridade, onde se afirmam idéas, e que acusa um fino lavor literario. Edição da Livraria Civilização, do Porto.

VIENT DE PARAITRE

"Salomão"

de José Augusto



José Augusto, que já se havia revelado no Jornal dum correspondente de guerra, um admirável cronista que ia buscar o assunto das suas crônicas, tão palpitantes de entusiasmo e emoção, as primeiras linhas da batalha—deu-nos agora um livro diferente, singular, bizarro, e cosmopolita. Intitula-se Salomão, e é a vida alucinante e vertiginosa dum homem, que atravessando grandes cidades, escalas de pensamento e de beleza, aborda e discute os problemas mais agudos do momento, sem deixar de reflectir as suas aventuras de viandante ansioso de acontecimentos sensacionais. A maneira como Salomão está escrito é brilhante e audaz. Um misto de ironia e de fantasia, de notas humaníssimas e de livre discussão—fora de todos os canones e modelos. Trata-se a todos os títulos dum livro denso de substância literaria, rebelde e cintilante, que merece ser lido com atenção.

Eu chamava-me Salomão. Morava, nesse tempo, na terceira transversal de Regente Street, a dois passos de Hyde Park.

Levava então uma vida calma: levantava-me às sete, tomava um duche frio e partia a fazer um pouco de «footing». Costumava passar pelo London Tea-Room, onde tomava o meu primeiro almoço. Depois de ler o «Times» ia à Bolsa, onde conversava com uns amigos. A cotação das acções do Credito Mineiro continuava subindo. Era feliz.

Costumava todas as tardes encontrar-me no Royal Club, onde uma partida de xadrez me prendia há seis meses. Às vezes jogava o «bluff» e ganhava. Só jogava o «bluff» porque só com «bluffs» é que ganho.

Como se vê, levava uma vida sossegada, o que me era permitido pelos

meus dividendos e boa disposição permanente.

Ora a minha vida hoje é completamente diferente. Um facto que todos julgarão insignificante fez-me olhar em volta de mim e reconhecer o vazio da minha existencia, a tal ponto, que hoje não moro em Regent Street e nem sequer me chamo Salomão.

Essa mudança de personalidade operou-se em alguns meses da minha vida. E agora, à distancia dos factos, isolado de influencias estranhas, vou contar o que foi o meu deambular incerto pelo Mundo.

Da passada grandeza pouco me resta—uma recordação nem sempre saudosa, que me persegue por vezes, e um conhecimento profundo dos homens e da vida.

Hoje nada sou. Ou antes, hoje sou diferente do que era. O circulo das minhas ambições é restrito. A pouco aspiro. Direi como um filósofo desconhecido e mal-criado:

—A vida é uma porca.

Não serve este livro de guia á juventude: Não espero que ela aprenda nestas breves paginas a compreender os homens e o mundo.

Não é um livro didático e, nem sequer, aconselhavel á mocidade. Merece, em catálogos de livrarias zelosas do seu bom nome, um asterisco com a indicação:

«Não pode figurar em todas as estantes».

Não figurará. Sobre essa certeza encerro as considerações preliminares.

Comecei reparando que por todas as paredes há cartazes colados que, num laconismo surdo, ordenam: «Buy British». Na rua, pintadas a branco, sobre o fundo negro do asfalto, destacam-se imperiosas as mágicas palavras: «Buy British». E, á noite, entre um anúncio ao ultimo filme de Charles Laughton e o reclamo discreto de uma marca de cigarros, leio, a branco, a vermelho, a azul, leio sempre, inevitavelmente: «Buy British»; dentro dum bar, no intervalo entre dois agitados «fox», a telefonia rosna: «Buy British!».

Compre inglês, só inglês!! Se um trabalhista fala, o discurso resume-se a aconselhar a compra de produtos ingleses; se fala um conservador, o tema é o mesmo: «Buy British!».

«Buy British»... e porquê?

Porquê este nacionalismo?

Pensei e vi que este nacionalismo economico é fruto do seculo que vamos atravessando. «Buy British!» Justo! O inglês deve só comprar inglês...

O francês que compre francês. Lógico! Humano! O contrario não se compreenderia.

A sequencia do pensamento levou-me a fazer esta pergunta a mim mesmo:—Mas serei eu inglês?

Eu já tinha reparado mais de uma vez que não sabia em que país nascera. Isso, porém, não me dava cuidado. Que me interessava? Quando alguém me abordava e tocava nesse assunto, eu dizia-lhe logo que a minha patria era a humanidade e o meu deus Jeovah.

Fôra coisa que nunca tinha prendido a minha atencao. Mas, agora, o caso era diferente. Eu sentia a necessidade de saber onde nascera.

Meti-me no meu quarto e, com duas caixas de «Navy Cut» em folha, tentei atingir o misterio.

Onde teria nascido?

E começava a pensar, acumulando premissas: «Ora eu falo correctamente o inglês, o francês, o alemão e o polaco». Logo tinha de afastar a hipótese de conhecer a minha nacionalidade pela lingua que falava.

Amor á Terra

Descia a noite. Pra lá do outeiro
Ainda se ouvia o ranger da noria.
Depois mais nada. Só, p'la estrada fora,
Via-se a mula e em cima o caseiro.
Ao longe a ermida mudava de cor:
A cor da cal, essa limpada alvura,
Desapareceu depois do sol se pôr,
E agora negra, negra de tristeza,
Erguia ao céu os seus recortes finos.
O cata-vento ao alto, ao lado os sinos.

Lá muito ao fundo, ao vale do ribeiro,
Uivava o cão, o guarda do solar,
E lá p'ra riba, um alto pinheiro,
Não descansava de balancear.
Corria o rio rápido e susurrante,
De pedra em pedra, da nascente ao vale,
E o arvoredor, negro e ondulado,
Cantava ao desafio com o matagal...
E tu que me estás lendo, se em Deus crês,
Louvá-o, por te ter feito português.

Augusto Barreto

N. da R.—O interesse desta poesia está na idade do seu autor: 15 anos incompletos. Atina do sexto ano do Liceu de Pedro Nunes, Augusto Cassiano de Andrade Barreto aspira a ser medico. A sua juventude, porém, parece levá-lo a outros destinos. Faz versos que, embora não sejam prefetitos, revelam uma vocação que ainda um dia se pode vir a afirmar, honrando as letras portuguesas.

Um livro de mulher

Maria de Castro Henriques Oswald publicou agora «Entre o céu e a terra», livro de crônicas, em edição perfeita da «Civilização», do Porto.

«Entre o céu e a terra» revela uma mulher cultíssima, de alma em reza perante a natureza. Consagrada pelo seu enorme saber, ainda ultimamente afirmado na primorosa tradução de «Fernão de Magalhães», de S. Zweig, a autora afirmou agora o seu poder criacionista. Em prosa de bom recorte literario, com a adoração poetica da Natureza, escreveu um livro que nos salva destes maus tempos de frialdade e vis utilitarismos.

Publicamos dois capitulos de «Entre o céu e a terra», que dão a medida da já notavel personalidade de Maria de Castro Henriques Oswald.

Do livro «Entre o céu e a terra»:

A balada sem notas

E' a hora. O grande momento desceu sobre a terra. As nuvens brancas, delgadas, aconchegam-se umas ás outras, muito recolhidas, suspensas.

O Céu, assim irizado, é enorme pálpebra semi-cerrada sobre olhar de reza. Ha pouco ainda, naquelas arvores tão altas, ali, sobre as folhas, uns ultimos raios de sol andavam a pintar fantasmagorias preciosas. Adormeceram agora as arvores e sorriem ás ultimas manchas de luz. Guardam a expressão das mais que adormecem a embalar os filhos. Amodorraram todos os estremecimentos da terra. Dos mares, dos rios, dos lagos, dos vales, das montanhas começam a subir os tons para a grande balada sem notas, a balada do apaziguamento.

E' a hora.

A balada vai ressoando, nitida, doce, penetrante. Enquanto ressoa, tudo o que parecia misterioso desceira as asas e todos vêm, todos compreendem. Enquanto vibra, tudo o que não sabemos aceitar é claro, simples, facil.

Enquanto a harmonia cai sobre os ouvidos das rosas e sobre as escarpas solitarias, a ternura, uma ternura viva, fresca, faz a transusão do latejar amoroso de todo o espaço ao entorpecido coração da criatura.

E' a hora. Palavras esquecidas, comunhões distantes, chamadas que não quisemos escutar, avisos, que deixamos perder, ressoam de novo, convulsionam-nos, são realidade. Mãos que nos agasalharam vivem nas nossas mãos, arrastam-nos, levam-nos. Vozes, que julgávamos extintas, falam e como nós as recebemos, como nós sabemos ouvi-las!

Os olhos, que nos pareciam cerrados, fitam-nos... O que eles nos dão, o que eles nos trazem!

Beija a terra a piedade suprema...

O misterio descerrou as grandes asas.

Os Mortos, os Ausentes estão connosco, nimbados de graça, ardentes de Amor.

A balada pura, branca, a balada sem notas, mais penetrante do que todas as fanfarras do mundo, vai passando, insinua-se, vai-se, dilui-se.

Bem-aventurados os que escutam!

Bem-aventurados os que sabem escutar!

DISSONANCIA

Os frios poetas arcádicos,
e os langorosos românticos,
e os parnasianos requintados,

escreviam sempre os seus versos
sonantes e tersos,

todos metrificadas,
todos com a mesma medida
preconcebida.

A poesia desses vates, de antanho,
era um jorrar continuo de harmonias:
lembrava, ás vezes, o balar simples de um anho,
e outras, as mais conspicias, ou vadias
polifonias.

Ninguém desrespeitara, ainda, o metro.
Vivia-se na epoca aurea em que o plectro

só podia vibrar,
só podia cantar,
só podia sonhar,
subordinado á praxe sã

Poeta que amasse alguém, de coração,
tinha que, fatalmente,
lirizar...

E, invariavelmente,
atrás do seu compendio de estilística,
havia de seguir, com estreiteza,
os mesmos passos
e as mesmas regras
da escolastica
burguesa,
conselheiral,
cheia de pompa bombastica
de um comezinho ideal.

Querias tu exteriorizar alguma idéa?
Querias fixar um sentimento?
Querias vencer o teu Destino?
Querias dar asas ao triunfo?
Querias ser super-homem?
Ou profeta?
Ou principe?

Pois sabe que perdias o teu tempo...

Sumidades

que aspirassem a imortalidades,
jâmais fariam versos livres,
jâmais aliterancias,
nem rimas brancas,
nem cacofonias.

Os poetas verdadeiros (que o quisessem ser!)
inventariam ritmos invioláveis,
marmoreas metrificações,
as mais rigidas composições
babando perfeições,
de compasso e esquadro.

Mas... Felizmente. Finalmente.
Tudo passa.
E hoje...

Quem pensaria em tal
—neste seculo das luzes?

Cruzes!...

Um poeta modernista, quere:
mas é a sua propria dissonia,
a sua propria melodia,
a balalaika esguia
da propria fantasia,
em radio-sintese de magia.

OCTAVIO DE MARIALVA

OS LIVROS DA SEMANA

Dá-se geralmente á poesia de circunstancia preconizada por Goethe um significado que ele lhe não dava. Nas suas conversações com Eckermann, Goethe deixou bem expresso o que entendia por poesia de circunstancia. Recomendava ele á juventude que se não embrenhasse em obras de largo folego, pois seria perder tempo. Uma obra longa e de intenções amplas não é coisa para ser realizada por jovens. Aos jovens faltam a experiencia e a maleabilidade intelectual capazes de lhes dar as asas para voar além dos seus horizontes estreitos. Depois, dizia Goethe, o tempo despendido a procurar as linhas de conjunto da obra perde-se irremediavelmente: a inspiração escoa-se pelos interstícios da obra, de que só ficarão as paredes. Por isso em sua opinião o jovem deve abdicar de audaciosos intentos e ficar-se pela *poesia de circunstancia*. E Goethe é bem claro quando diz que a poesia de circunstancia é aquela que vai inclusivamente buscar os seus motivos aos temas eternos: os temas dos grandes poetas classicos, por exemplo. Mais vale repetir, pondera Goethe, do que ensaiar em vão motivos novos.

Poesia de circunstancia não era pois para Goethe exactamente aquilo que nós poderíamos supor que fosse. A *circunstancia* que nós damos como âmbito á poesia lirica moderna—a *circunstancia* psíquica, o momento emocional, o *instante* sensorial, numa palavra, o *circunstancial interior*—estava muito longe do pensamento goethiano.

Há evidentemente um abismo entre a concepção poetica de Goethe e a concepção moderna: a concepção que Baudelaire nos legou e que em herança recebeu, pelo menos em parte, de Edgar Poe. Tanto assim que Goethe considerava virtuosismo aquilo que nós hoje consideramos sinceridade. Um poeta que se pusesse a cultivar o jardim fechado da sua alma seria tomado por Goethe como *virtuoso*. Não lhe mereceria esse nome aquele outro poeta que tomasse um tema classico e se pusesse a glosá-lo. Hoje pensar-se-ia de maneira completamente diversa. *Virtuosismo* chamamos nós a qualquer exercicio literario a que não corresponda um movimento interior da personalidade. Chamamos *poesia*, no sentido mais nobre da palavra, á expressão poetica que procura traduzir por palavras as correntes profundas da sensibilidade. Parece-me nada mais ser preciso para não continuarmos a confundir poesia de circunstancia no sentido que lhe deu Goethe. E contudo foi Goethe o primeiro a dar valor á essa poesia momentanea e fragil a que os poetas hoje tão afincadamente se prendem.

Há realmente que ter muito cuidado com o que Goethe pensava da poesia: o seu espirito crítico—dizia-lhe muito perspicazmente qual era a verdadeira essencia dela, mas era esse mesmo espirito crítico que lhe segregava quais os limites que uma consciencia vigiada impõe á obra de criação poetica. Goethe extasiava-se diante da obra de Byron, mas confiava ao seu interlocutor Eckermann que o genial Byron era uma inteligencia muito ingenua. Quere dizer: Goethe não ignorava que se pode ter uma lucidez intellectiva restrita e ao mesmo tempo uma inspiração poetica profundissima. Um homem inteligente sabe-o ser até naquilo em que a sua inteligencia vacila. A inteligencia de Goethe vacilava em frente dos dominios magicos da poesia. Vacilava e era perfida. Pelo menos foi perfida para o jovem Eckermann a quem Goethe procurou ensinar a ser poeta de circunstancia: glosador de temas tratados.

Qual é o conselho que hoje se deve dar aos jovens poetas? Que glosem a mitologia grega? Que metrifiquem lendas populares? Que sejam, —suma, circunstanciais á maneira goethiana? Não eram estes, pelo menos, os conselhos que Rilke dava ao seu correspondente Franz-Xaver Kappus. Pelo contrario. Rilke era o primeiro a afastá-lo dos temas *demasiado correntes*. «Procure dizer, aconselhava-lhe ele, como se fosse o primeiro homem, o que vê, o que vive, o que —dele». Quere dizer: Rilke já estava do lado de cá da barreira. *Dizer o que se vê como se se fosse o primeiro homem*—eis o seu conselho ao jovem poeta Kappus. Este parece-me ser ainda hoje o verdadeiro conselho a dar aos jovens poetas. «O belo nada mais é do que o primeiro grau do terrível» exclama o grande Rilke em uma das suas elegias de Duino. Sim: pensai sempre, poetas, que é pela poesia que se accede aos abismos da vida!

* * *

Chegam-nos de Coimbra novos poetas. Ao contrario do que se tem dito, em Coimbra ainda se não estancaram as fontes da poesia. Mas o certo é que os poetas coimbrões parece terem abandonado definitivamente a redondilha facil para cantar á guitarra. A semente que lá germina agora é outra. Uma poesia feita de vigilancia e de abandono chega-nos agora de lá. Por muito que eu não queira falar de um Adolfo Casais Monteiro, de um Miguel Torga ou de um José Régio a verdade é que o nome destes poetas que me ocorre. A obra dos novos poetas de Coimbra fala da influencia que eles

já lá exercem. Assim quando um Fernando Namora diz:

Hoje o dia é um dia chuvoso e triste
amortalhado
naquela monotonia doente dos grandes dias.
Hoje o dia...
(A pena caiu-me das mãos).
Acabou-se o poema no papel.
Cá por dentro
continua...
Oh! este marulhar das almas no silencio!

logo nos ocorre a poesia de Casais Monteiro. Ocorre-nos a de José Régio quando ele exclama:

Nem me disseram ainda
para o que vim...
Não sei se sou bom, se mau,
se filho amado
ou rejeitado...
Sei
que quando cheguei
os meus olhos viram tudo
e renegaram tudo
por correr no meu sangue
um outro sangue...

E' Miguel Torga quem ecoa aqui:

—Ai o meu filhinho!
Ai o meu filhinho!
que se me foi...

—Não era mau rapaz aquele Namora.
Um pouco pedante, mas enfim...

«Aqui jaz...»
Ora..., para que lembrar adjectivos?

Mas isto, quem lembra?:

Ladrões de estradas, quando eu passar — matá-me!
A mim,
que me sinto gasto de caricias que nunca vieram!
A mim,
que me sinto gasto de galgar montanhas!

Isto é de Fernando Namora o autor do livro *Relevos* (Portugalia, Coimbra, 1938). Se são muitos os poetas que pairam sobre a personalidade deste jovem poeta, a verdade é que ele tem uma personalidade. A verdade é que os seus poemas são daqueles que nos fazem pensar no verso de Rilke: o belo é um degrau do terrível! O poeta que neste livro se confessa é uma dessas sensibilidades nascidas para se exprimirem em verso—para darem voz a emoções, a angustias e a sonhos de muita alma. Não há duvida de que na poesia de alguns dos poetas mais modernos portugueses—os da geração que se começa agora a revelar—ecoam um estor de agonia, um estrepito de combate longínquo. Já não são sensibilidades isoladas que procuram exprimir emoções puramente individuais: sente-se no amargor das vozes o eco de outras almas que a elas confiam a missão de exprimirem o que não sabem dizer, mas sentir. De entre os poetas que ultimamente têm aparecido Fernando Namora é sem duvida um daqueles em cuja voz há mais ressonancias colectivas. Um protesto se levanta do intimo desta alma. Um protesto que é, ao mesmo tempo, um grito de renúncia. E' como se alguém se visse pisado e gossasse com a humilhação de se ver injustamente castigado. Um brado de protesto que se abafou na garganta, porque outra coisa mais alta e mais tragica surgiu ante os olhos dilatados do poeta: frente ás misérias do homem condenado a pôr os pés onde os outros deixaram o seu rasto ergue-se a parede sem frestas de tudo quando pode estar para lá da própria miséria e dos proprios gritos de revolta. Uma aspiração mistica vem quebrar na alma destes poetas o desespero da luta pelos bens da terra. O sonho é ainda para um poeta como Fernando Namora o supremo opio. E o sonho é evasão.

RELEVOS

poemas por FERNANDO NAMORA

INSTANTES

poemas por JOAO JOSE COCHFEL

AGUADELAS

versos por A. VICENTE CAMPINAS

PATRIA ELEITA

sonetos por JOSE TRÊPA

Noite de sonhos diurnos!

E's tu verdadeiramente a isolada beleza dos meus dias!

Prevejo ao autor de *Relevos* (Porquê um titulo tão pouco expressivo? Não será tempo de acabar com a superstição dos titulos convencionalmente sintéticos?) um destino largo de poeta. O seu livro é um belo passo na misteriosa estrada da poesia.

* * *

João José Cochofel é também em Coimbra que interpreta o sentido dos seus *Instantes*. Titulo significativo, não há duvida, não obstante se lhe poder fazer a mesma objecção que ao do livro do poeta anteriormente citado. Mas tão significativo ele me parece que não creio que nenhum outro lhe quadrasse melhor.

Ao contrario de Fernando Namora, João José Cochofel é um poeta individualista, quasi feminino na sua expressão do imponderavel cotidiano. A inscrição que abre o volume é de João Falco—uma mulher. E diz:

Eles têm uma estranha força,
A do pensamento!
E eu,
Simplesmente a da emoção.

Talvez não seja bem assim. Nem João Falco nem João José Cochofel são apenas seres de emoção. Ha neles muito de observação e discriminação intelectual. O que aparenta João José Cochofel a João Falco é a mesma incerta procura de uma impressão fundamental: um ponto de coesão para a personalidade que se escolhe por entre os dedos da atenção. Viverem ao sabor das impressões que vêm do exterior; não sabem encontrar a personalidade interior sem a referirem a uma impressão exterior; dependem psicologicamente do mundo real, não porque dele dependam verdadeiramente, mas por ser essa a convicção inabalavel das suas inteligencias perplexas—eis o que faz com que João José Cochofel se sinta tão bem ao lado de João Falco. Eis a razão de lhe conceder lugar de honra no seu livrinho.

Mas João José Cochofel é muito novo ainda. O horizonte do seu mundo é estreito. Os seus olhos têm poiseado pouco na terra. Daí que a sua poesia se ressinta desse limitado conteúdo de experiencias humanas. A melancolia de uma alma para quem as oscilações da natureza, o decorrer das estações, a rota do sol, e, sobretudo, os sobressaltos do amor nascente são toda a experiencia da vida—eis o que nestes *Instantes* se exprime. Mais é nas notas de sensualidade candida que o poeta melhor se dá:

Teus olhos humidos eram lagos
em que o nosso desejo se mirava...

Tua boca entreaberta era a mensagem
do teu corpo moço que se dava...
Teu hálito quente
embrulhado de desejo
vinha de não sei lá que profundezas
em que de amor tuas entranhas se abrasavam.

E havia, amor, a envolver-nos,
essa solidão enorme
entre pinheiros, céu e terra quente...

da tarde que dorme.

Por vezes a expressão é vacilante. Há descurdos que tornam a expressão frouxa:

Basta que um novo caninhão
apareça em frente
—parecendo mais suave, mais belo
para que meta por ele,

O ultimo verso, principalmente, é de mau gosto. Outras vezes são os poemas que se fecham sobre um remate procurado, que se não enge ao sentido intimo do poema. Enfim, senões de quem começa. Mas o que não ha du-

vida é João José Cochofel ser poeta. Não sei que melhor elogio se possa fazer a quem tenta a poesia num país onde noventa e cinco por cento dos poetas são versificadores.

* * *

Um livro de versos em 2.ª edição é caso raro. Mas o certo é o livro de A. Vicente Campinas trazer escrito em grandes letras na portada: 2.ª edição. Não há, pois, duvida, de que *Agua delas* (Livraria Horacio Salvador, Faro, 1937) tem duas edições. Disso felicitamos o seu autor. Prefacia a obra em questão Maria Raquel. Não sei quem seja. Sei, porém, que se não lesse por debaixo do texto o nome de uma mulher não acreditaria que fôsse mulher o autor de prosa tão masculina e rude. Nesse perfacio em prosa retorcida, mas saborosa, há uma senhora a dizer ao poeta que não cante a humildade. E o que o poeta canta é o ar livre. De facto há bastante frescura e colorido nos poemas em que Vicente Campinas pinta a natureza. Sente-se bem que ele é algarvio: descendente de João Lucio. Todo virado para o exterior, só quando o descreve me parece digno do nome de poeta. Quando fala de si mesmo—do seu interior—é convencional e literario.

Pela estrada, carros
carros de pachorrentos bois conduzem,
por entre nuvens
de poeira em suspensão,
porcos, carneiros, palha e componeses,
em miscelanea original, eivada
de sã inspiração.
De vez em quando,
Um carro ou outro, que é de azeitão, chia, chia,
numa incompreensível melodia
em que são mestres
e, ao mesmo, tempo, executantes,
homens e carros.
e pachorrentos bois...

Poesia naturalista, didática, por vezes, a que falta aquela dose de interioridade e complexidade que nos levam a dizer que um poeta ficou a quem do seu tempo. A. Vicente Campinas é um poeta do século XIX.

* * *

Patria Eleita (Lelo & Irmão, Porto, 1937) é um luxuoso livro de sonetos em que José Trêpa versifica varios temas da historia patria. Porque já disse o que pensava da poesia patriótica num artigo aqui publicado sobre a obra *Portugal*, de Ramiro Guedes de Campos, limito-me a verificar que os sonetos deste livro são geralmente correctos, mas sem grande brilho. A isto chamamos nós virtuosismo. Goethe talvez lhe chamasse poesia de circunstancia. Pode ser que ainda um dia volte a ser assim. Então as minhas palavras terão de ser lidas ao contrario.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Nota: Há autores que estranham que eu me não refira ás suas obras. Já uma vez aqui deixei expresso o meu ponto de vista sobre o assunto. Como me é impossivel referir-me a todas as obras que se publicam em Portugal, limito-me a comentar as obras mais significativas. *Mais significativas* quere dizer: aquelas que me parecem exprimir formas literarias dignas de comentario, quer no sentido ascendente quer no sentido descendente. Há obras inferiores tão dignas de reflexão como as superiores: são aquelas que definem tendencias viciosas da nossa mentalidade literaria. Outras há porém que nada definem. Essas deixo-as, deliberadamente, no silencio.

J. G. S.

"PORTUGAL"

E' do sr. Ramiro Guedes de Campos o poema *Cantar de Amigo*, que publicamos no ultimo «Suplemento Literario».

Classicos Portuguezes

Arte de Furtar

Decimo edição revista por Jaime Brasil e atribuid

ao Padre Antonio Vieira

1 vol. Br. 12\$00 — Enc. 17\$00

Pedidos á

LIVRARIA PENINSULAR EDITORA

de José da Silva Oliveira

57, Rua da Boa Vista, 59 — LISBOA